



Linguística de Corpus aplicada à Semântica de Frames: investigando conceptualizações pró-escolha no debate da Sugestão Legislativa nº. 15/2014

Corpus Linguistics applied to Frame Semantics: investigating pro-choice conceptualizations in SUG nº. 15/2014's debate

Aline Nardes dos Santos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, Rio Grande do Sul
/ Brasil

aline.nardes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9302-484X>

Rove Chishman

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, Rio Grande do Sul
/ Brasil

rove@unisinos.br

<https://orcid.org/0000-0003-2287-5548>

Resumo: Este artigo vincula-se a uma tese doutoral cujo objetivo foi compreender, por meio da identificação de diferentes instanciações de *frames* semânticos, as redes de significado que (re)enquadram os direitos humanos e reprodutivos das mulheres no contexto das audiências públicas que debateram a Sugestão Legislativa (SUG) nº 15/2014 – tal proposta visou a regular o aborto nas primeiras doze semanas de gestação (SANTOS, 2020). Especificamente, o texto trata de alguns desdobramentos analíticos possibilitados pela integração da ferramenta de análise qualitativa NVivo ao recurso Sketch Engine, tendo em vista a necessidade de segmentação do *corpus* em unidades temáticas para posterior processamento dos dados no concordanciador. De modo a abordar tal percurso, o artigo discute a identificação de *frames* no discurso dos defensores da proposta da SUG nº 15, cujas escolhas lexicais refletem a conceptualização do abortamento como questão de saúde pública e de justiça social. Como resultados, o artigo destaca que o uso integrado de diferentes ferramentas de análise empírica permite uma descrição baseada em *corpus* que evidencia a dimensão multifacetada do

frame semântico – uma estrutura sociocognitiva que se constrói nos entrelaçamentos entre léxico, discurso e cognição.

Palavras-chave: Linguística de *Corpus*; Semântica de Frames; Sugestão Legislativa n.º 15/2014; direitos reprodutivos.

Abstract: This article relates to a Ph.D. thesis which aimed at comprehending, throughout the identification of different semantic frame instantiations, the meaning networks that (re)frame women’s human and reproductive rights in the context of the public hearings that discussed the SUG no. 15/2014 – such a proposal intended to regulate abortion in the first twelve weeks of pregnancy, in Brazil (SANTOS, 2020). Specifically, the text presents some analytical developments made available by the integration of the qualitative analysis tool NVivo to the Sketch Engine tool, considering the need of a corpus segmentation into thematic units for a later processing of these data in a concordancer. In order to discuss this process, the article describes the identification of frames within the discourse of the ones that advocate for the SUG proposal, whose lexical choices reflect the conceptualization of abortion as a public health matter, as well as a social justice one. Concerning the results, the article emphasizes that the integrated usage of different tools devoted to empirical analysis allows a corpus-based description that reveals the multifaceted dimension of a semantic frame – a socio-cognitive structure that is built in the interconnections between lexicon, discourse and cognition.

Keywords: Corpus Linguistics; Frame Semantics; SUG no. 15/2014; reproductive rights.

Recebido em 10 de outubro de 2020

Aceito em 18 de novembro de 2020

1 Introdução

Os caminhos da Linguística de Corpus (LC) e da Semântica de Frames (FILLMORE, 1982, 1985) têm seus pressupostos epistemológicos entrecruzados desde os primórdios da teoria fillmoriana. Afinal, a Semântica de Frames, muito antes de integrar oficialmente o escopo da Linguística Cognitiva, constituiu-se como proposta que visava a compreender estruturas sintáticas por meio de “requisitos contextuais”¹ (FILLMORE, 1975, p. 130) que evidenciam o *continuum* entre léxico, sintaxe e semântica. Em tal percurso, a teoria do autor rompeu com postulados gerativistas que relegavam o léxico ao “asilo dos fora da

¹ “contextual requirements”.

lei” da Linguística (SALOMÃO, 2006, p. 7), delineando uma primeira versão do conceito de *frame* como um “sistema de *escolhas linguísticas*”² (FILLMORE, 1975, p. 124, grifo nosso), aspecto que situa a teoria, desde suas primeiras versões, no campo dos Modelos Baseados no Uso, que partem do princípio de que “eventos de uso são a fonte de todas as unidades linguísticas” (LANGACKER, 2008, p. 220). Além disso, a criação da FrameNet – um recurso lexicográfico-computacional baseado em *frames* – a partir de evidências provenientes da LC como metodologia consolidou a Semântica de Frames como modelo empírico de análise sistemática de dados linguísticos.

Em suas trajetórias convergentes, tanto a Linguística de Corpus quanto a teoria da Semântica de Frames têm sido incorporadas à proposta de novas interfaces que buscam dar conta da complexidade de fenômenos linguísticos na contemporaneidade, os quais têm como gênese os usos feitos pelo “sujeito interativo” (MIRANDA, 2001, p. 59) ao construir significados “no curso de sua interação comunicativa” (SALOMÃO, 1997, p. 26). Nessa direção, estudos como os de Vereza (2016a, 2016b) reivindicam o estabelecimento de um *continuum* entre cognição e discurso, no contexto de uma “virada cognitivo-discursiva” (VEREZA, 2016a, p. 22) de análises realizadas nesse contexto.

É seguindo tal perspectiva que buscamos investigar as redes de significado construídas em audiências públicas da Sugestão Legislativa (SUG) n.º 15, compreendendo *frames* semânticos como construtos cognitivo-discursivos que podem ser perspectivados de maneiras diferentes, consoante os propósitos comunicativos dos falantes (MIRANDA, 2001; SALOMÃO, 2009; TOMASELLO, 1999, 2008). Tal empreendimento também implicou levar em conta as dimensões macro e microcontextuais (HANKS, 2008) do *corpus*, o que nos levou a integrar uma ferramenta de análise qualitativa de dados – o NVivo – ao Sketch Engine (SE), tendo em vista a necessidade de segmentação dos dados em unidades temáticas para posterior processamento dos dados no concordanciador.

Considerando tais aspectos, este artigo visa a discutir os desdobramentos analíticos de tal proposta investigativa, com vistas a evidenciar a necessidade de novos entrelaçamentos metodológicos entre Linguística de Corpus e Semântica de Frames, visando a dar conta de descrições que integrem diferentes perspectivas sobre os mesmos dados

² “system of linguistic choices”.

empíricos. Para isso, o texto se estrutura da seguinte forma: na seção 2, delineamos a noção cognitivo-discursiva de *frame* semântico, salientando o caráter multifacetado desse construto no âmbito dos estudos linguísticos. Na seção 3, contextualizamos o *corpus* de estudo da SUG nº 15, composto de transcrições de audiências públicas que debateram a Sugestão. Na seção 4, com o objetivo de elucidar as possibilidades analíticas propiciadas por tal proposta, discutimos a identificação de *frames* no discurso dos defensores da proposta da SUG nº 15, cujas escolhas lexicais refletem a conceptualização do abortamento como questão de saúde pública e de justiça social. Por fim, na seção 5, trazemos as considerações finais.

2 Referencial teórico: *frames* fillmorianos e(m) discurso

Nos primeiros textos de Charles Fillmore acerca da noção de *frame* semântico, menciona-se a pertinência dessa estrutura em sua dimensão mais interacional, embora ele mesmo categorize algumas de suas contribuições como meras notas sugestivas (FILLMORE, 1975). Trata-se de reflexões esparsas, publicadas entre as décadas de 1970 e 1980, fase na qual seus artigos ainda especulavam o possível alcance da Semântica de Frames quanto a suas contribuições para estudos linguísticos.

Por exemplo, no artigo “Frame Semantics and the Nature of Language”, Fillmore (1976) aborda a relevância do processo de *framing* para a compreensão do funcionamento da linguagem humana, considerando que *frames* são sempre ativados “[...] na percepção, no pensamento e na *comunicação*” (FILLMORE, 1976, p. 20, grifo nosso).³ Nesse texto, o autor situa a Semântica de Frames como abordagem contextualista do significado, considerando que as teorias então vigentes necessitavam incluir

[...] uma atenção à *importância das funções sociais da linguagem*, uma preocupação com a natureza da produção da fala e com processos de compreensão, bem como um interesse *nas relações entre o que um falante diz e o contexto no qual ele diz isso*. (FILLMORE, 1976, p. 23, grifo nosso).⁴

³ “[...] in perceiving, thinking, and communicating”.

⁴ “[...] an awareness of the importance of the social functions of language, a concern with the nature of the speech production and comprehension processes, and an interest in the relationships between what a speaker says and the context in which he says it.”

No que se refere ao termo *contexto*, em seu sentido amplo, valemo-nos dos apontamentos de Morato (2010) acerca da noção de *frame* como mais um construto teórico que visa a dar conta de como os falantes disseminam e partilham de significados a partir de sua experiência de mundo, para além de aspectos relativos ao contexto verbal de produção, ou cotexto. Nesse sentido, tendo em vista que o *frame* não é apenas uma estrutura de conhecimento dissociada da interação, mas que também diz respeito às práticas sociais envolvidas, é pertinente categorizá-lo como estrutura de expectativa, considerando que, com base em sua interação com a realidade, “o sujeito organiza o conhecimento sobre o mundo e usa esse conhecimento para prever interpretações e relações referentes a novas informações, eventos e experiências” (TANNEN, 1979, p. 138-139).⁵ Tal dimensão da estrutura do *frame* a torna “[...] dinâmica, uma vez que é continuamente confrontada com a experiência e revista” (MIRANDA, 1999, p. 82), bem como “[...] construída e modelada em situações de interação social” (DUQUE, 2015, p. 40).

É importante pontuar que os *frames*, em sua dimensão sociocultural, são sempre, em alguma medida, resultado de experiências que se moldam e se reconstróem na interação. Como observam Koch, Morato e Bentes (2011, p. 82), é necessário considerar a natureza sociocultural de tais construtos:

A noção de contexto, como a de situação social, enquadre ou *frame*, tem a ver com estruturas de expectativa, isto é, não se trata de algo concebido *a priori* e nem de forma independente quanto a nossas experiências socioculturais; pelo contrário, dependem dos atos de significação e, portanto, das práticas mediadas largamente por linguagem.

Nessa perspectiva, a teoria da cognição social humana desenvolvida por Tomasello (1999, 2003, 2008) tem verificado empiricamente os fundamentos epistemológicos que sustentam o conceito contemporâneo de cognição defendido pela Linguística Cognitiva, o qual enfatiza a faceta mais sociointeracional de estruturas como os *frames* semânticos: uma cognição social, pautada na capacidade humana para o engajamento e para o reconhecimento das intencionalidades do outro no curso da comunicação

⁵ “[...] based on one’s experience of the world in a given culture (or combination of cultures), one organizes knowledge about the world and uses this knowledge to predict interpretations and relationships regarding new information, events, and experiences.”

(BOOTH, 2016; MIRANDA, 2001; SALOMÃO, 2006). Dessa maneira, estudos como os do autor revelam que nossa cognição é primordialmente social, calcada no reconhecimento de intencionalidades e no engajamento em situações de atenção conjunta, de modo que a ontogênese humana tem como primeiro grande desdobramento o reconhecimento do outro como agente intencional – aspecto que leva o sujeito a, desde muito antes de falar, “[...] tentar manipular os estados intencionais e mentais do outro para vários fins cooperativos e competitivos”⁶ (TOMASELLO, 2003, p. 12). Nesse sentido, os *frames* e os símbolos linguísticos que os evocam não são somente aprendidos socialmente, como também são perspectivados pelo sujeito, “[...] dependendo de seus propósitos comunicativos [...]”⁷ (TOMASELLO, 2003, p. 12). É esse aspecto sociocultural do contexto e do uso da língua que Geeraerts, Kristiansen e Peirsman (2010, p. 3) consideram como crucial a análises semântico-cognitivas na contemporaneidade, dado que estruturas conceptuais, dentre elas os *frames*, são manipuladas por meio de processos socioculturalmente situados de cognição.

No cenário brasileiro, destacamos a inserção da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem (MIRANDA, 2001; SALOMÃO, 1997) nesse contexto de preconização de uma Linguística Cognitiva mais social. Tal posicionamento valoriza o papel da interação no processo de construção de significados, como explica Salomão (1997, p. 26): “A hipótese que [...] adotamos advoga ser a significação *uma construção mental produzida pelos sujeitos cognitivos no curso de sua interação comunicativa*.” Complementando esse aspecto, Silva (2015, p. 67) elenca três grandes dimensões a serem abrangidas em estudos sociocognitivos:

[...] (i) as interações socioculturais e o modo como elas afetam o discurso; (ii) os processos cognitivos de interação discursiva; e (iii) a relação entre as dimensões conceptuais, as dimensões interacionais e as dimensões socioculturais da linguagem *em uso* (grifo nosso).

É com tal perspectiva que descrevemos, na seção a seguir, o *corpus* da SUG n.º 15, as ferramentas utilizadas para explorá-lo e as etapas analíticas empregadas para investigar conceptualizações pró-escolha nesse contexto.

⁶ “[...] to attempt to manipulate one another’s intentional and mental states for various cooperative and competitive purposes.”

⁷ “[...] depending on her communicative goal”.

3 Percurso metodológico

Conforme abordamos na seção anterior, a noção de *frame* semântico é central ao nosso escopo analítico, bem como a sua integração aos chamados *modelos baseados no uso* (BYBEE, 2012; LANGACKER, 2008; TOMASELLO, 2003), que defendem “[...] a natureza dialética da relação entre o uso da língua e seu sistema. [...] De acordo com essa visão, é possível adquirir conhecimentos sobre o sistema linguístico por meio da análise de eventos de uso que o instanciam”⁸ (GEERAERTS; KRISTIANSEN; PEIRSMAN, 2010, p. 4). É a partir de tal postulado que *frames* semânticos são descritos com base na Linguística de Corpus como metodologia que propicia a identificação de “*formas linguísticas*” que ativam “*estruturas cognitivas – os frames*” (FILLMORE; BAKER, 2010, p. 314).

Com base nesses pressupostos, a próxima subseção descreve nosso *corpus* de estudo e apresenta as ferramentas computacionais que utilizamos para explorá-lo – nomeadamente, o NVivo e o Sketch Engine. Na segunda subseção, delineamos as etapas de análise que são empregadas para atingirmos o objetivo proposto.

3.1 Contextualizando o *corpus*: as transcrições das audiências públicas da SUG nº 15/2014

Em setembro de 2014, no portal e-Cidadania, foi criada a ideia legislativa nº 29.984, que deu origem à SUG nº 15. A proposta central foi assim redigida: “Regular a interrupção voluntária de gravidez, nas primeiras doze semanas de gestação, pelo Sistema Único de Saúde” (BRASIL, 2014). A motivação inicial dessa proposta teve como foco principal o abortamento clandestino como questão de saúde pública, tendo em vista a mortalidade de mulheres pobres em procedimentos de aborto inseguro. Essa ideia legislativa de iniciativa popular, ao receber o apoio de 20 mil manifestações individuais, passou a ser debatida no âmbito do Senado, por meio de audiências públicas que foram registradas em vídeo e cujas transcrições estão disponíveis *online*. Assim, este estudo se restringiu a essas transcrições, disponibilizadas no formato de atas

⁸ “[...] the dialectic nature of the relation between language use and the language system. [...] According to this view, one can gain insight into the language system by analyzing the usage events that instantiate it.”

de reunião, que debateram a Sugestão Legislativa nº 15 entre maio de 2015 e abril de 2016.

Os cinco arquivos – um para cada audiência – foram disponibilizados no formato RTF (Rich Text Format), compatível com todas as versões do Microsoft Word e com editores mais simples, como o WordPad. A imagem a seguir exhibe os arquivos baixados, mantendo sua nomenclatura original:

FIGURA 1 – Formato original das transcrições da SUG 15



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ao todo, o *corpus* na íntegra tem 169,253 *tokens* e 140,428 *types*, totalizando cerca de 230 páginas.⁹ Considerando a extensão média do material, que pode ser considerado um *corpus* pequeno (BERBER SARDINHA, 2000), foi possível fazer uma leitura integral dos dados antes de começar a manipulá-los – tarefa que não é possível quando a extensão considerável do *corpus* permite apenas sua manipulação por meio de ferramentas digitais. Ao encontro disso, Koester (2010, p. 67) elenca as seguintes vantagens de se trabalhar com *corpora* pequenos em âmbitos como esse: “[...] eles permitem um elo mais forte entre o *corpus* e os contextos nos quais os textos do *corpus* foram produzidos.”¹⁰

Como se tratou de um estudo de caso – pois sua análise está restrita a um objeto específico, “[...] de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2008, p. 58) –, consideramos necessária uma etapa de maior familiarização com o conteúdo do *corpus*, ainda que de forma preliminar ao exercício analítico propriamente dito. Nesse processo, separamos do material as falas dos senadores que presidiram as seções, os quais abriam as audiências lendo um texto que retomava

⁹ Considerando uma lauda com fonte Arial 12, com espaçamento simples.

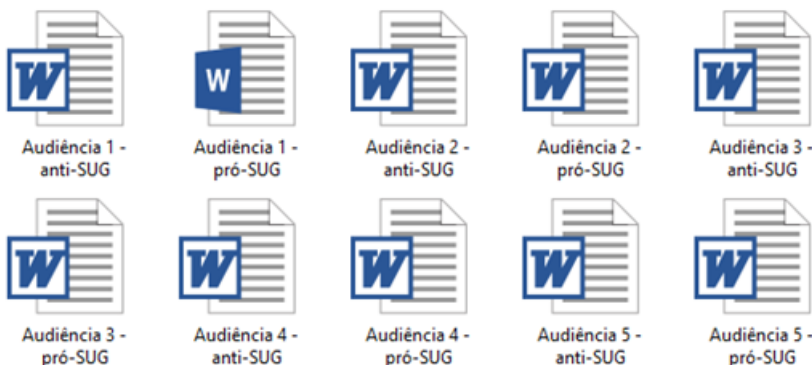
¹⁰ “[...] they allow a much closer link between the corpus and the contexts in which the texts in the corpus were produced.”

a pauta da SUG e apresentando os convidados. Visto que suas falas se reduziam, em sua maioria, a estabelecer o protocolo a ser seguido nas sessões, não as selecionamos para compor o *corpus* de estudo.

Essa etapa do processo de preparação do *corpus* a partir de uma leitura preliminar ainda incluiu o mapeamento dos participantes de acordo com sua categoria de participação: se eram painelistas convidados, que expuseram seu posicionamento ao longo de 15 minutos; ou se eram participantes que pediram direito de fala ao final das exposições finais, cujo tempo-limite para arguição era de três minutos – em alguns casos, houve a participação dos próprios painelistas na sessão final, geralmente para reiterar os principais pontos de sua apresentação. Inicialmente, separamos os convidados painelistas e os demais participantes das sessões nas grandes categorias “pró-SUG” e “anti-SUG” – ou seja, consideramos aqueles que defendem a regulação do aborto nas 12 primeiras semanas de gestação como pró-SUG; e aqueles que se opõem à proposta, como anti-SUG. Salientamos que, neste artigo, tratamos somente das conceptualizações dos defensores da SUG, considerando que esses resultados são pertinentes para discutirmos nosso percurso cognitivo-discursivo de identificação de *frames* com base em *corpus*.

A Figura 2 exibe a segunda segmentação realizada, a partir da qual realizamos uma terceira classificação, por participantes, com vistas a rastrear algumas características dos dados ao longo do processamento do *corpus*.

FIGURA 2 – Segmentação do *corpus* por participantes pró-SUG e anti-SUG

















































































Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como mostra a Figura 3, criamos um padrão de nomenclatura conforme os exemplos a seguir:

A1_PS_1_MV_Med – A3_AS_2_EG_Pol

Nesses dois casos, temos a seguinte notação: A1 e A3 = audiência pública 1 e audiência pública 3 (a numeração vai até 5); PS e AS = pró-SUG e anti-SUG; MV e EG = iniciais das respectivas participantes; e Med e Pol = iniciais do grupo socioprofissional que representam – médico(a) e político(a) – ao se manifestarem na respectiva audiência, conforme as credenciais incluídas nas atas e reproduzidas pelos próprios painelistas. Assim, trata-se dos papéis institucionais (LANGLOTZ, 2015) que os participantes desempenham nesse âmbito.

FIGURA 3 – Segmentação do *corpus* por audiência pública, participante, posicionamento e papel institucional

| | | | |
|---|---|---|---|
|  A1_AS_1_CF_Adv |  A2_AS_1_HN_Ativ |  A3_AS_2_EG_Pol |  A4_PS_2_AF_Ativ |
|  A1_AS_1_EK_Med |  A2_AS_1_LG_Acad |  A3_AS_2_FS_Pol |  A4_PS_2_GM_Acad |
|  A1_AS_1_EO_Med |  A2_AS_2_KB_Prof |  A3_AS_2_MF_Pol |  A4_PS_2_PV_Ativ |
|  A1_AS_1_IM_Acad |  A2_AS_2_LB_Pol |  A3_AS_2_VG_Pol |  A5_AS_1_DH_Ativ |
|  A1_AS_1_LB_Pol |  A2_AS_2_LG_Ativ |  A3_PS_1_DD_Acad |  A5_AS_1_RS_Ativ |
|  A1_AS_2_AA_Ativ |  A2_AS_2_MF_Pol |  A3_PS_1_MT_Acad |  A5_AS_1_SW_Ativ |
|  A1_AS_2_FO_Est |  A2_AS_2_NF_Ativ |  A3_PS_1_SC_Ativ |  A5_AS_2_FS_Pol |
|  A1_AS_2_JR_Rel |  A2_AS_2_RL_Adv |  A3_PS_1_TL_Acad |  A5_AS_2_LG_Acad |
|  A1_AS_2_LG_Ativ |  A2_PS_1_JB_Ativ |  A3_PS_2_JW_Pol |  A5_AS_2_MF_Pol |
|  A1_PS_1_AC_Med |  A2_PS_1_LM_Acad |  A3_PS_2_NM_Adv |  A5_AS_2_PL_Rel |
|  A1_PS_1_HS_Med |  A2_PS_1_SV_Med |  A4_AS_1_AD_Ativ |  A5_AS_2_UJ_Med |
|  A1_PS_1_JT_Adv |  A2_PS_1_TG_Med |  A4_AS_1_NF_Ativ |  A5_PS_1_EA_Adv |
|  A1_PS_1_MS_Acad |  A2_PS_2_AT_Acad |  A4_AS_1_PS_Rel |  A5_PS_1_LL_Adv |
|  A1_PS_1_MV_Med |  A2_PS_2_CB_Ativ |  A4_AS_1_SB_Adv |  A5_PS_1_MA_Med |
|  A1_PS_1_RT_Rel |  A2_PS_2_EA_Ativ |  A4_AS_2_EO_Med |  A5_PS_2_AF_Ativ |
|  A1_PS_2_FR_Ativ |  A2_PS_2_MN_Ativ |  A4_AS_2_JS_Adv |  A5_PS_2_GC_Ativ |
|  A1_PS_2_JB_Ativ |  A3_AS_1_DK_Dir |  A4_AS_2_RS_Ativ |  A5_PS_2_PV_Ativ |
|  A1_PS_2_RS_Pol |  A3_AS_1_HH_Pol |  A4_PS_1_JA_Acad |  A5_PS_2_RR_Med |
|  A2_AS_1_BG_Rel |  A3_AS_1_PR_Rel |  A4_PS_1_MN_Rel | |
|  A2_AS_1_FT_Acad |  A3_AS_1_VS_Ativ |  A4_PS_1_OF_Med | |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ao todo, chegamos a um total de 78 participantes. Após esse mapeamento, considerando a primeira leitura do material, organizamos quadros com uso do Microsoft Excel, no qual sistematizamos os dados em cinco colunas, quais sejam: nome do participante; papel institucional; posicionamento em relação à SUG (contra ou a favor da proposta); resumo da sua exposição em uma frase; e palavras-chave coletadas ao longo da leitura, com o objetivo de mapear preliminarmente os temas abordados por cada sujeito.

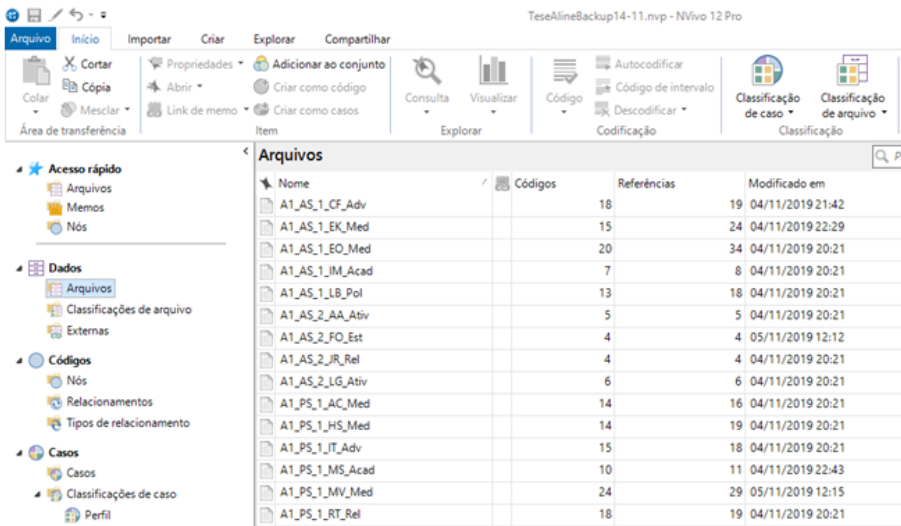
Após a preparação e a compilação das transcrições, pudemos avançar na manipulação dos dados por meio das ferramentas computacionais NVivo e Sketch Engine.

3.2 Ferramentas de análise empregadas: QSR NVivo e Sketch Engine

O QSR NVivo é uma ferramenta qualitativa de análise de dados que tem sido bastante utilizada nas áreas de Ciências Sociais e Humanas – principalmente na Educação – e de Ciências da Saúde (LAGE, 2011). Trata-se de um *software* que se fundamenta “[...] no princípio da codificação e armazenamento de textos em categorias específicas [...]” (GUIZZO; KRZIMINSKI; OLIVEIRA, 2003, p. 54), permitindo o cruzamento de diversos parâmetros que classificam os dados. A figura a seguir exibe a interface do programa, que precisa ser instalado no computador e exige a compra de uma licença.¹¹ A versão que utilizamos se chama NVivo 12 Pro. O *software* também dispõe de uma versão de testes, que pode ser utilizada gratuitamente por quinze dias – foi a partir de tal versão que analisamos a pertinência de sua utilização para a análise dos dados da SUG.

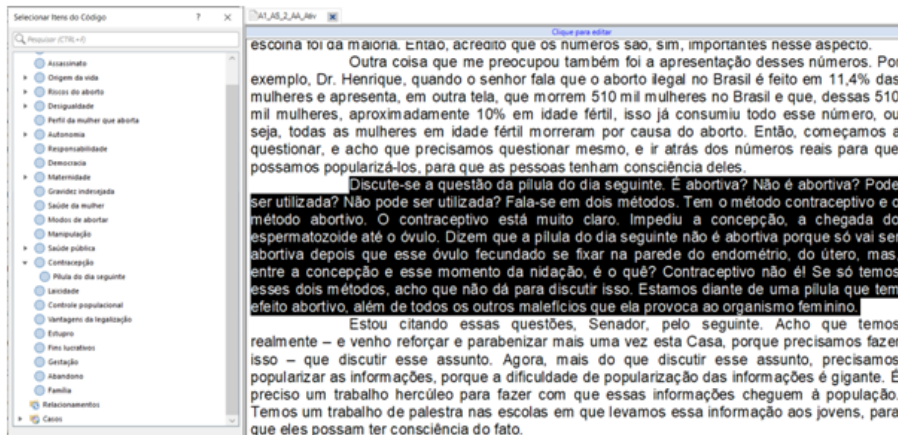
¹¹ Uma licença para estudantes foi adquirida pelo Grupo SemanTec, a qual tem validade de dois anos.

FIGURA 4 – Tela inicial do QSR NVivo



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ao se abrir um dos arquivos de transcrição, é possível marcar excertos do texto e classificá-los nos chamados *nós*, que “[...] representam uma categoria ou ideia abstrata [...]” criada pelo pesquisador (GUIZZO; KRZIMINSKI; OLIVEIRA, 2003, p. 57). No caso de nossa análise, tal recurso foi bastante útil para identificarmos os grandes temas abordados em cada participação. A figura a seguir mostra um caso em que assinalamos um excerto com o nó “Pílula do dia seguinte”, dado que o participante manifesta seu posicionamento contrário ao uso da contracepção de emergência. Observamos que um mesmo trecho pode ser ligado a mais de um nó, conforme tais categorias vão sendo criadas ao longo da exploração dos dados.

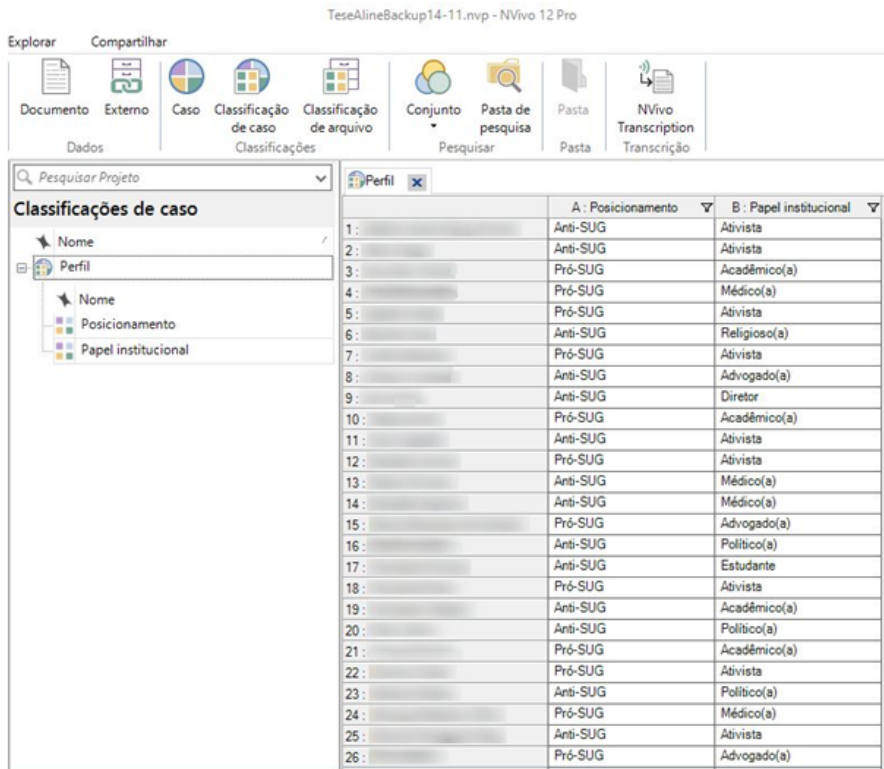
FIGURA 5 – Exemplo de atribuição de um excerto do *corpus* a um nó

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Salientamos que os próprios nós deram origem a pequenos *subcorpora* separados por temas, dentre os quais os maiores (com mais de vinte excertos) foram também processados na ferramenta de *corpus*, com vistas a explorarmos o léxico de forma mais ampla e confirmarmos possíveis evocadores de *frames*.

Os nós do NVivo podem ser cruzados com informações sobre o perfil de cada participante, as quais podem ser previamente cadastradas na ferramenta. Assim, para poder inter-relacionar diferentes informações sobre as audiências, registramos individualmente cada participante, associando cada perfil ao posicionamento (pró-SUG ou anti-SUG) e ao seu papel institucional, conforme o recurso Classificações de Caso, exibido na Figura 6 – o tipo de caso foi denominado Perfil, e suas categorias são Posicionamento e Papel Institucional. Esse procedimento visou a dar conta da noção de *frame* como construto interacional que é manipulado pelos falantes dependendo de seu ponto de vista, conforme discutimos na seção 2. Assim, foi crucial rastrear nos dados quem eram os sujeitos conceptualizadores e qual era o seu posicionamento acerca da proposta da SUG n.º 15.

FIGURA 6 – Recurso Classificações de Caso do NVivo

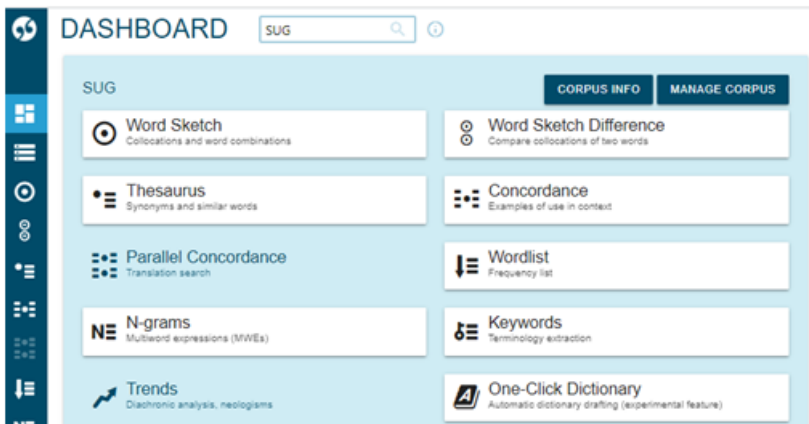


Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados da exploração com o uso do NVivo foram atrelados à ferramenta de *corpus* Sketch Engine, um *software* eficiente na manutenção de *corpus* que tem sido utilizado nas pesquisas linguísticas do grupo SemanTec, de que fazemos parte, mostrando-se um profícuo recurso para exploração do léxico em estudos que visam a identificar *frames* semânticos (CHISHMAN *et al.*, 2014, 2015, 2018; SANTOS; CHISHMAN, 2018. Assim como o NVivo, o SE exige a compra de uma licença. Em relação à forma de acesso, a diferença principal entre os recursos está no fato de que o Sketch Engine não necessita ser instalado; sua interface, exibida na Figura 7, está disponível *online*, por meio de inserção de login e senha no seu site.¹²

¹² Endereço para login: <https://auth.sketchengine.eu/>.

FIGURA 7 – Tela inicial do Sketch Engine



Fonte: Sketch Engine.

Para processamento dos dados, o *corpus* foi carregado para a ferramenta no formato docx. O recurso fez a compilação automática do material, utilizando o etiquetador Freeling, que atribui etiquetas sintáticas aos termos para facilitar buscas por combinatórias. À parte as falas protocolares, que foram excluídas dos dados processáveis, o tamanho do *corpus* é de 114.429 *tokens*. Especificamente, os recursos do programa que utilizamos são elencados na sequência:

- a) *Keywords*: permite uma comparação entre as palavras mais frequentes do *corpus* de estudo em relação a um *corpus* maior, ou *corpus* de referência. Como resultado, obtém-se uma lista das palavras-chave do *corpus* de estudo, ou seja, aquelas que são estatisticamente mais proeminentes. Tal recurso foi usado especificamente para processar os *subcorpora* maiores de nós codificados por meio do NVivo.

FIGURA 8 – Lista parcial de palavras-chave do *subcorpus* do nó Origem da Vida

| Word | Word | Word | Word |
|----------------------|--------------------------|-------------------------|---------------------|
| 1 codificar *** | 11 falácia *** | 21 feto *** | 31 destratar *** |
| 2 fecundação *** | 12 xy *** | 22 espiritualização *** | 32 sexuado *** |
| 3 embriologia *** | 13 embrião *** | 23 fecundar *** | 33 cromossômico *** |
| 4 ovócito *** | 14 cobertura *** | 24 baer *** | 34 dna *** |
| 5 zigoto *** | 15 di* *** | 25 multicelular *** | 35 desproporção *** |
| 6 óvulo *** | 16 feto *** | 26 fetal *** | 36 reducionista *** |
| 7 embaralhamento *** | 17 desespiritualizar *** | 27 trigêmeo *** | 37 abortamento *** |
| 8 intrauterina *** | 18 cegonha *** | 28 infanticídio *** | 38 fertilizar *** |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

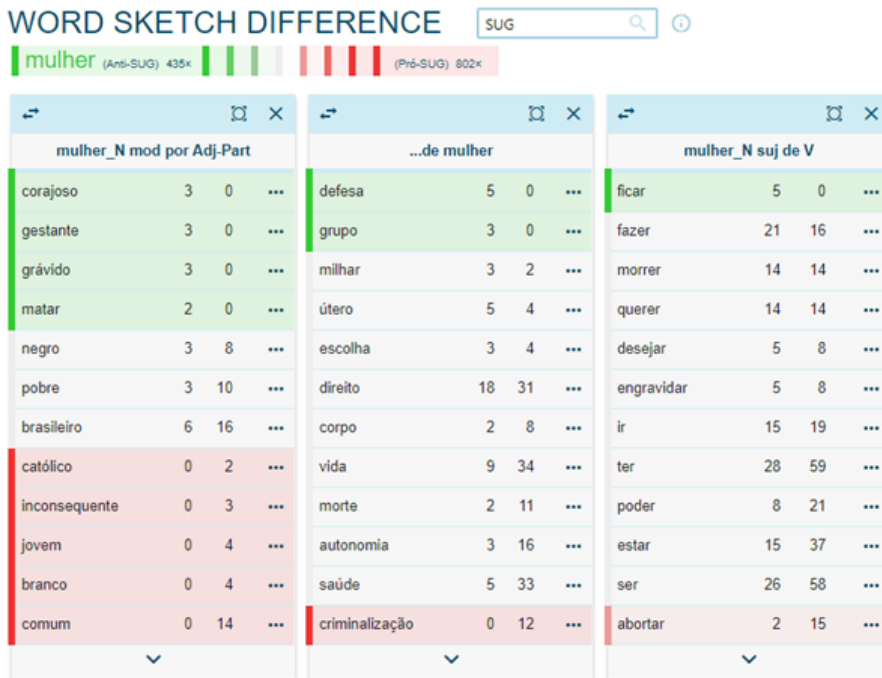
- b) *Concordance*: permite a visualização da palavra pesquisada, ou palavra-nó, juntamente com o texto adjacente, ou cotexto. A palavra buscada aparece em destaque na chamada linha de concordância. Além disso, ao se clicar na palavra-nó, o Sketch Engine possibilita visualizar porções maiores de texto antes e após a concordância consultada. Tal recurso foi utilizado principalmente ao longo do processo de anotação semântica das sentenças que evocavam os *frames* analisados.

FIGURA 9 – Recorte da ferramenta Concordance para a palavra *mulher*

| | | |
|--|-----------------|---|
| os que manter a linha de coerência - é a defesa da | mulher | . </s><s> As grandes vítimas do aborto são duas: as r |
| </s><s> As grandes vítimas do aborto são duas: as | mulheres | , que estão aqui e me ouvem, e a vida que elas gestar |
| i e me ouvem, e a vida que elas gestam. </s><s> A | mulher | é vítima de aborto. </s><s> Ela é a grande vítima! </s> |
| asso seguinte, coerente com essa preservação da | mulher | , à luz do que acabei de lhes trazer sobre essa jovem e |
| rtalecer - já direi o que há aqui - toda a situação da | mulher | e a criar uma rede protetiva da mulher que se vê absol |
| situação da mulher e a criar uma rede protetiva da | mulher | que se vê absolutamente abandonada até por seus far |
| as forem ler, vão ver que se criam casas de apoio à | mulher | nessas situações, à maria abandonada. </s><s> Cria |
| s> Nós devemos criar casas de acolhida para essa | mulher | . </s><s> Esse é que é o ponto. </s><s> Temos de gar |
| > Nós não gostamos de abortar. </s><s> Nenhuma | mulher | quer abortar." Todas as minhas irmãs dizem isso. </s> |
| volvam e desenvolvam a vida que vocês carregam, | mulheres | !" Que você prescinda do machão, deste aí, para que e |
| ntalmente. </s><s> Esse é o ponto sobre o qual as | mulheres | têm de refletir, meu Deus do céu! </s><s> São mulher |
| res têm de refletir, meu Deus do céu! </s><s> São | mulheres | jovens, mulheres mais maduras, mulheres envelhecida |
| r, meu Deus do céu! </s><s> São mulheres jovens, | mulheres | mais maduras, mulheres envelhecidas. </s><s> A luta |
| <s> São mulheres jovens, mulheres mais maduras, | mulheres | envelhecidas. </s><s> A luta é pelas mulheres! </s><s |
| ras, mulheres envelhecidas. </s><s> A luta é pelas | mulheres | ! </s><s> É difícil entender! </s><s> Não sei como não |
| Cegonha, desaparece todo esse debate, porque a | mulher | terá toda assistência possível, terá todo amparo possí |
|) ter atendido, não sei, acho que quatro vezes mais | mulheres | grávidas. </s><s> Então, gostaria de começar falando |
| lãe não quis aquela gestação, e é terrível quando a | mulher | não quer uma gestação e está grávida. </s><s> Real |
| om tudo aquilo que temos de preocupação com as | mulheres | , com as adolescentes que engravidam, a pergunta é: i |
| nça, nunca é um mal menor. </s><s> Em relação à | mulher | , se esquecem de dados fundamentais. </s><s> Em pr |

FONTE: Elaborada pelas autoras.

- c) *Sketch Difference*: permite a comparação entre as combinatórias de uma palavra no *corpus* como um todo, ou entre o uso do mesmo item lexical em diferentes *subcorpora*. Na figura a seguir, exibimos parcialmente a Sketch Difference para a palavra *mulher*, conforme os dois *subcorpora* correspondentes ao posicionamento (pró-SUG e anti-SUG) dos participantes. Nos extremos e em cores diferentes, constam as combinatórias que só ocorrem em um *corpus*; ao meio e em cor neutra, aparecem as combinatórias comuns a ambos os *subcorpora*.

FIGURA 10 – Sketch Difference para a palavra *mulher*

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A próxima seção aborda as etapas metodológicas que adotamos em nosso percurso analítico.

3.3 Etapas de análise

Para investigar conceptualizações pró-escolha no contexto da SUG, tendo em vista uma análise macro e microcontextual do *corpus*, organizamos nosso percurso analítico nas etapas a seguir:

- a) **Identificação das temáticas, ou nós, presentes nas falas dos participantes pró-SUG:** considerando o funcionamento da ferramenta NVivo, a qual exige a classificação do *corpus* em nós para processar inter-relações com as demais categorias, valemo-nos desse recurso para mapear as grandes temáticas que constituíam o debate nas audiências, por meio dos seguintes passos:

- releitura de cada arquivo do primeiro *subcorpus*, segmentado por participantes (vide Figura 3), após inseri-lo na interface do NVivo;
- eleição dos excertos que correspondiam a um grande tema e criação do nó correspondente na ferramenta;
- processamento integrado de todos os nós e verificação de sua predominância nas audiências como um todo.

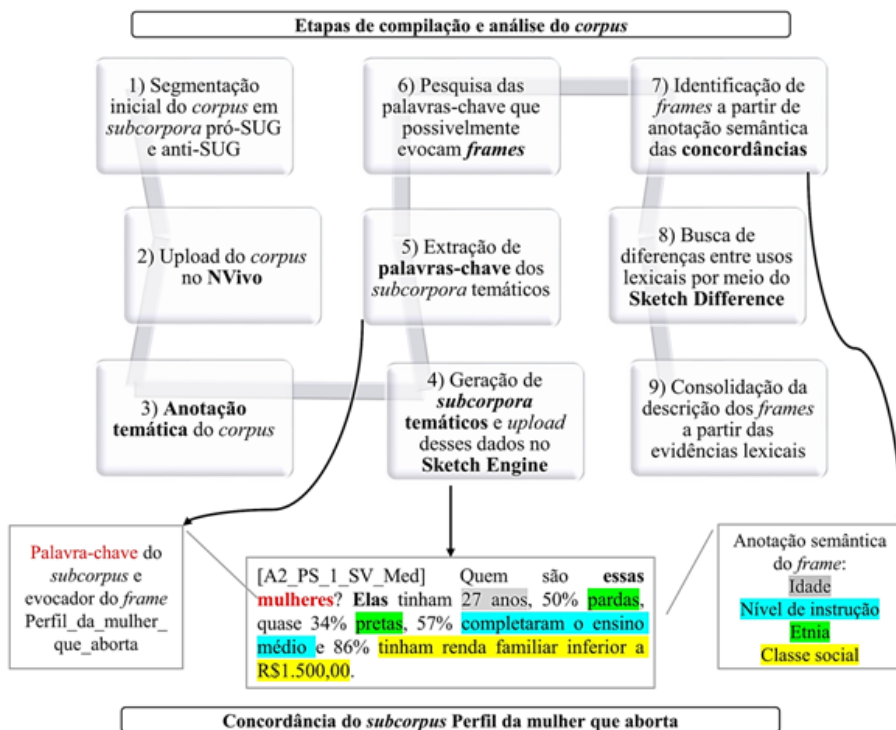
b) Identificação dos frames que emergem do discurso pró-SUG: como discutimos em nossa revisão teórica, *frames* semânticos são identificados por meio do levantamento de “*formas linguísticas*” que ativam “*estruturas cognitivas – os frames*” (FILLMORE; BAKER, 2010, p. 314). A partir de tais usos linguísticos, elencam-se os Elementos de Frame instanciados no contexto, de modo que a descrição vai-se consolidando conforme a manipulação dos dados avança. Nesse contexto, inspirando-nos em trabalhos como o de Siman (2015, p. 5), recorreremos à Plataforma FrameNet Berkeley “[...] como referência (mas não como limite) [...]” para descrever os *frames*. Isso ocorre porque, como demonstram os trabalhos de Chishman *et al.* (2018, 2019), o estudo de um domínio específico demanda a criação de *frames* de acordo com o microcontexto analisado, considerando que a FrameNet é um recurso de língua inglesa que está em permanente construção – e que, por conseguinte, não fornece todos os *frames* que emergem de um *corpus* especializado. Também destacamos que a descrição de *frames*, neste estudo, consiste na identificação da camada semântica dos Elementos de Frame – opção também explicitada nos trabalhos de Siqueira (2013), Lima e Miranda (2013), Miranda e Bernardo (2013), dentre outros –, não havendo o propósito de sistematizar os padrões sintáticos encontrados no *corpus*, nem de identificar EFs *core* e não *core*. Isso significa que não seguimos o modelo de anotação da FrameNet, que se pauta nas valências dos evocadores de *frames*. Assim, em uma anotação que se atém apenas à camada semântica, são anotados os constituintes que instanciam Elementos de Frame independentemente de sua posição na frase em relação ao evocador. Tal procedimento permite a anotação de instanciadores de EFs de forma mais ampla, com a finalidade primeira de “[...] ‘remontar’ as cenas

conceptuais que emergem do discurso [...]” (FONTES, 2012, p. 37). Especificamente, esse estágio de análise envolveu o uso da ferramenta Sketch Engine e compreendeu as seguintes etapas:

- identificação das unidades lexicais que potencialmente evocavam *frames*, considerando os nós elencados na etapa anterior – para os nós com mais de vinte excertos, consulta às palavras-chave do respectivo *subcorpus* no SE;
- busca dessas unidades lexicais na FrameNet e/ou de *frames* relacionados e, se necessário, descrição de novo *frame*;
- descrição dos Elementos de Frame expressos linguisticamente, ou por meio de Instanciação Nula (casos em que não é instanciado em uma concordância do *corpus*, geralmente porque foi mencionado em uma parte anterior dos dados);
- sistematização das unidades linguísticas que instanciam evocadores e Elementos de Frame, por meio do uso dos recursos da ferramenta Sketch Engine;
- se necessário, refinamento da descrição do *frame* a partir dos dados encontrados por meio da ferramenta de *corpus*.

A figura a seguir ilustra a sequência dos procedimentos analíticos e explicita o papel do NVivo e do SE nesse percurso:

FIGURA 11 – Ilustração do percurso analítico por meio das ferramentas NVivo e Sketch Engine



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A próxima seção traz a análise e a discussão dos dados conforme as etapas elencadas.

4 Conceptualizações pró-escolha no debate da Sugestão Legislativa n.º 15/2014: análise dos dados

Seguindo as etapas metodológicas elencadas na seção anterior, o percurso de análise aqui discutido foi dividido em dois estágios. Na primeira etapa (seção 4.1), analisamos as temáticas ou *nós* do discurso dos participantes pró-SUG, obtidos por meio da exploração do corpus no NVivo. Por sua vez, a seção 4.2 concerne à análise dos frames a partir dos nós elencados, que possibilitou explorarmos o léxico que os evoca por meio do Sketch Engine.

4.1 Os temas que permeiam o discurso pró-SUG: explorando os nós do NVivo

Conforme já referido, a exploração inicial do *corpus*, após a leitura preliminar, foi realizada com auxílio da ferramenta QSR NVivo, que permite a classificação dos dados em *nós*; trata-se dos temas abordados que eventualmente originaram categorias de análise – no caso deste estudo, serviram como o ponto de partida para a descrição de *frames*. Além disso, um mesmo excerto do texto pôde ser marcado com um ou mais nós, os quais foram cadastrados na ferramenta ao longo da exploração dos textos. Analogamente, assim como a descrição de *frames* baseada nos trabalhos de Fillmore (1982, 1985) envolve a anotação semântica de Elementos de Frame, o trabalho com o NVivo parte de uma “anotação temática” do *corpus* como forma de se realizar um mapeamento geral dos dados, o qual foi se refinando a partir desse primeiro exercício analítico.

Nesse sentido, tal processo envolveu o cadastro de diferentes nós no recurso, dentre os quais elencamos, no quadro a seguir, aqueles que emergiram do *corpus* pró-SUG. Salientamos que, conforme a leitura foi avançando, eventualmente eliminamos, refinamos, renomeamos e/ou reorganizamos os nós, considerando o andamento do trabalho. Nessa etapa, já havíamos realizado um mapeamento do *corpus* por palavras-chave, que também serviu como ponto de partida para a codificação realizada no NVivo. Além disso, também levamos em conta a frequência com que cada temática ocorria no *corpus* ao selecionarmos os excertos – ligados a nós – a partir dos quais identificamos *frames* semânticos.

QUADRO 1 – Lista dos nós encontrados e breve contextualização de cada um

| Nome do nó | Breve contextualização | Exemplo |
|------------------------------|--|--|
| Assassinato | Descreve o aborto como assassinato do feto. | “O abortamento mata uma criança inocente que não pode se defender.” |
| Autonomia | Aborda o conceito de autonomia sob a ótica da autonomia da mulher. | “A sociedade patriarcal tem nos negado a autonomia sobre os nossos corpos e a nossa sexualidade e nos tratado como meras reprodutoras do sistema.” |
| Escolha [subnó de Autonomia] | Aborda predominantemente as possibilidades (ou as restrições) da escolha da mulher pelo abortamento ou pela maternidade. | “É o que fazem as mulheres que decidem abortar: pensam, refletem, discutem e decidem por aquilo que lhes dita a consciência, como melhor caminho naquele momento, como recorda um teólogo latino-americano.” |

| | | |
|---|--|--|
| Coação | Trata de situações em que a mulher é coagida a abortar ou a levar adiante uma gestação indesejada. | “Nesse sentido, a coação para as mulheres não pode vir do seu namorado, não pode vir da sua família e não pode vir do Estado.” |
| Contraceção | Trata de métodos contraceptivos sob diferentes perspectivas. | “Existem tantos meios de contraceção. Claro que nenhum deles é 99%, mas as pessoas precisam aprender a assumir as suas responsabilidades.” |
| Pílula do Dia Seguinte [subnú de Contraceção] | Defende ou critica o uso da pílula do dia seguinte como método contraceptivo. | “Discute-se a questão da pílula do dia seguinte. É abortiva? Não é abortiva? Pode ser utilizada? Não pode ser utilizada?” |
| Democracia | Trata do aborto ou do debate sobre a SUG como questão democrática. | “A primeira é a garantia e a qualidade da deliberação democrática. O tema do aborto, como outros temas, não é um tema trivial e, portanto, requer respeito, escuta, abertura ao diálogo [...]” |
| Desigualdade | Aborda a relação entre a pauta da SUG e questões de desigualdade. | “O aborto fala de nós, de vocês, mulheres comuns. Marcadores sociais de desigualdade, como juventude, classe e cor, agudizam a precariedade da vida dessas mulheres.” |
| Desigualdade de Gênero [subnú Desigualdade] | Tem como foco as desigualdades entre homens e mulheres. | “Nós sabemos que uma mulher que foi violentada sexualmente é duplamente penalizada pela sociedade machista, que torna a mulher um objeto nessa relação desigual, usa dessa violência.” |
| Desigualdade Financeira [subnú Desigualdade] | Tem como foco as desigualdades financeiras entre mulheres. | “Do contexto social dessas mulheres. Quem pode paga; quem não paga vai na sorte.” |
| Desigualdade Racial [subnú de Desigualdade] | Tem como foco as desigualdades entre mulheres brancas e mulheres negras | “Por serem inseguros, os abortos arriscam a vida e a saúde das mulheres, notadamente as negras [...]” |
| Direito | Aborda questões jurídicas ligadas à questão do abortamento. | “a aplicação da lei penal é seletiva, afetando de maneira mais drástica as mulheres pobres, negras e socialmente excluídas.” |
| Direitos Humanos [subnú de Direito] | Aborda especificamente o aborto como questão de direitos humanos (da mulher ou do feto). | “Como componente da pauta mais ampla de direitos sexuais reprodutivos, que também inclui o acesso à saúde reprodutiva, o aborto está inscrito no arcabouço geral dos direitos humanos [...]” |

| | | |
|---|---|---|
| Maternidade | Foca no conceito de maternidade. | “E eu gostaria de iniciar falando da maternidade. Pode parecer estranho que, discutindo uma proposta que torna o aborto legal dentro de certos limites, eu proponha aqui trazer o tema da maternidade.” |
| Maternidade não hegemônica [subnú de Maternidade] | Trata da maternidade como escolha. | “A maternidade deve ser uma decisão livre e desejada, não uma obrigação das mulheres.” |
| Modos de Abortar | Descreve formas de abortamento. | “A mulher comum, a puta ou a adolescente abortam de maneira semelhante: usam comprimidos isolados ou combinados com chás, ervas ou garrafadas.” |
| Morte de Mulheres [subnú Riscos do Aborto Inseguro] | Trata especificamente da morte de mulheres como consequência do aborto inseguro. | “Trezentas mortes maternas por ano em função de abortamento inseguro. Aproximadamente uma mulher por dia morre em função de aborto inseguro.” |
| Origem da Vida | Trata do aborto sob a perspectiva da origem da vida. | “Se nós colocarmos filósofos, teólogos, cientistas de vários outros campos, não há consenso sobre o que é a vida.” |
| Perfil da Mulher que Aborta | Elenca características da mulher que recorre ao abortamento no Brasil. | “Elas têm filhos; elas são jovens; elas têm entre 22 e 29 anos; elas têm religião, [...]” |
| Responsabilidade | Trata da responsabilidade de diferentes atores envolvidos na questão do aborto (mulher, marido, Estado etc.). | “Então, é de responsabilidade também do sexo masculino o controle da natalidade. Não só do sexo feminino.” |
| Riscos do Aborto Inseguro [subnú de Riscos do aborto] | Aborda especificamente os riscos do aborto inseguro. | “Por serem inseguros, os abortos arriscam a vida e a saúde das mulheres, notadamente as negras e as mais pobres.” |
| Morte de Mulheres [subnú Riscos do Aborto Inseguro] | Trata especificamente da morte de mulheres como consequência do aborto inseguro. | “Trezentas mortes maternas por ano em função de abortamento inseguro. Aproximadamente uma mulher por dia morre em função de aborto inseguro.” |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nessa etapa, também foi relevante observar as temáticas mais predominantes no *corpus* pró-SUG. Reiteramos que o NVivo permitiu-nos fazer esse tipo de cruzamento ao categorizarmos cada participante por meio do recurso Classificações de Caso (reproduzido anteriormente

na Figura 6). No Gráfico 1, a seguir, o tamanho de cada nó corresponde à sua frequência nos dados. Assim, os nós mais à direita, e depois os mais superiores, são aqueles mais frequentes em número de itens codificados.

GRÁFICO 1 – Os nós mais frequentes no *corpus* pró-SUG e seus nós subordinados



Fonte: Elaborado pelas autoras.

De modo geral, esse levantamento de nós, previamente à descrição dos *frames* semânticos, permitiu-nos verificar que as temáticas abordadas ao longo das audiências públicas da SUG por vezes abrangeram ou extrapolaram a pauta inicial da Sugestão. Conforme o Gráfico 1, os nós mais predominantes no discurso pró-SUG foram Desigualdade, Autonomia, Direito, Riscos do Aborto (com frequência maior dos subnós Riscos do Aborto Inseguro e Morte de Mulheres), além de Democracia, Maternidade e Origem da Vida. Diante disso, destacamos que o tema da Autonomia ganhou significativo destaque nesse primeiro levantamento, embora não seja predominante nas discussões sobre abortamento em nosso contexto; como explica Elias (2018, p. 21), no Brasil, “[...] a

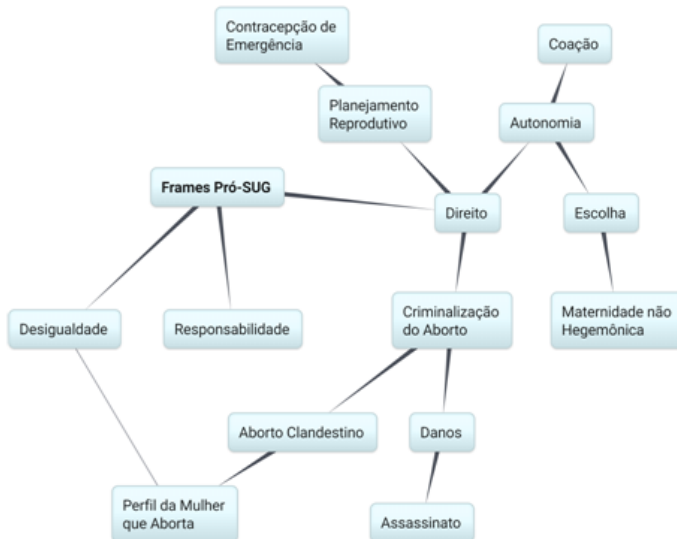
mobilização política e a reivindicação ao aborto como um direito de cidadania às mulheres têm menos destaque [...]” em comparação à abordagem do tema como questão de saúde pública.

Na próxima seção, considerando os nós sistematizados nesta etapa, identificamos os *frames* que emergiram do discurso pró-SUG nas audiências públicas investigadas.

4.2 Entre a questão de saúde pública e os direitos das mulheres: os *frames* pró-SUG

Conforme abordamos na seção 3.1, a motivação inicial da proposta da SUG nº 15 teve como foco principal o abortamento clandestino como questão de saúde pública. A partir desse dado e considerando a descrição de *frames* realizada por meio da organização do *corpus* em nós, identificamos os enquadramentos que refletem ou que ampliam esse foco. Embora alguns dos *frames* aqui discutidos sejam evocados também por participantes anti-SUG – e eventualmente reenquadrados, como buscamos mostrar nas seções posteriores –, os cenários de que tratamos neste artigo, concernem ao modo como participantes pró-SUG defenderam a proposta. A figura a seguir exibe a rede conceitual de *frames* que analisamos nesta seção:

FIGURA 12 – Rede conceitual de *frames* Pró-SUG



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os primeiros *frames* que destacamos estão relacionados principalmente à realidade sociocultural do abortamento como um todo e, mais especificamente, como uma problemática brasileira, inserida nos meandros de desigualdade – racial, econômica, de gênero – que atravessam o País e travancam o avanço dos direitos das mulheres. Nesse âmbito, o *frame* Aborto_Clandestino, originado a partir do processamento do nó Modos de Abortar, trata das formas que as mulheres utilizam para interromper a gestação na clandestinidade, elencando os meios e instrumentos utilizados, bem como os locais onde ocorre o aborto. O quadro a seguir exhibe parcialmente a descrição do referido *frame*, trazendo sentenças anotadas¹³ – procedimento que seguimos ao reproduzir todos os demais *frames*. Nas concordâncias, entre colchetes, indicamos o participante que evocou o *frame*, seguindo a nomenclatura do *corpus* mencionada na seção 3.1.

QUADRO 2 – *Frame* Aborto_Clandestino

| Frame Aborto_Clandestino | | | | | | | | | |
|---|--|--------|-------------------|-------------|------------------------------------|-------|--|-----------|-----------------------------|
| Definição: ¹⁴ Um agente usa um meio de interromper a própria gestação, ou a gestação de outrem. | EFs e definições: <table border="0"> <tr> <td style="background-color: #FFC0CB;">Agente</td> <td>Mulher que aborta</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #FFFF00;">Instrumento</td> <td>Instrumento realizado para abortar</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #FFD700;">Local</td> <td>Local onde ocorre o aborto clandestino</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #00FFFF;">Resultado</td> <td>Resultado do ato de abortar</td> </tr> </table> | Agente | Mulher que aborta | Instrumento | Instrumento realizado para abortar | Local | Local onde ocorre o aborto clandestino | Resultado | Resultado do ato de abortar |
| Agente | Mulher que aborta | | | | | | | | |
| Instrumento | Instrumento realizado para abortar | | | | | | | | |
| Local | Local onde ocorre o aborto clandestino | | | | | | | | |
| Resultado | Resultado do ato de abortar | | | | | | | | |
| Evocadores: abortar, aborto, expulsar, operação, procedimento, provocar aborto | | | | | | | | | |
| <p>[A3_PS_1_DD_Acad] A mulher comum, a puta ou a adolescente abortam de maneira semelhante: usam comprimidos isolados ou combinados com chás, ervas ou garrafadas.</p> <p>[A3_PS_1_DD_Acad] Quanto mais jovem for a mulher, o Cytotec é o método mais comum [...].</p> <p>[A3_PS_2_JW_Pol] Ela entrou nessa clínica clandestina; a operação, o procedimento deu errado; ela morreu; e eles deram fim no corpo dela carbonizando-o.</p> <p>[A5_PS_1_MA_Med] porque as mulheres favorecidas, de boa condição socioeconômica, têm acesso a medicamentos e recorrem a clínicas clandestinas</p> <p>[A5_PS_1_MA_Med] as mulheres pobres, as mulheres negras, as mulheres pardas, sem acesso à educação, [...] elas recorrem a soluções perigosas para provocar o aborto</p> | | | | | | | | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

¹³ Por questões de espaço, no caso de *frames* mais frequentes, elegemos os exemplos anotados mais ilustrativos para compor os quadros no corpo do texto.

¹⁴ Neste estudo, não adotamos o termo “definição” de uma perspectiva lexicográfica; trata-se de uma breve contextualização de cada *frame* que complementa a respectiva lista de Elementos de *Frame*.

Chama a atenção o fato de que dos 78 participantes apenas três evocaram o *frame* Aborto_Clandestino, que é crucial ao entendimento da questão levantada pela SUG; especificamente, trata-se de uma acadêmica, cujas pesquisas sustentam os dados trazidos sobre os métodos de abortamento; de um parlamentar; e de uma médica – todos pró-SUG. Além disso, a acadêmica é a que mais evoca o respectivo *frame*.

O EF Agente do *frame* Aborto_Clandestino tem como instanciadores diferentes grupos de mulheres que abortam – aspecto que evidencia o entrelace com o *frame* Perfil_da_Mulher_que_Aborta, identificado a partir do nó homônimo, concernente às evidências, já sistematizadas por renomados estudos (DINIZ; MEDEIROS, 2010; DINIZ; MEDEIROS; MADEIRO, 2017), que situam o abortamento como ato comum a todas as classes sociais das mulheres, independentemente de idade, credo, nível de instrução, histórico reprodutivo, número de filhos, dentre outros aspectos. Interessante observar que a maioria dos participantes que evocam tal *frame* pertence aos domínios médico e acadêmico, valendo-se de dados estatísticos e outras categorias provenientes de pesquisas científicas para sustentar sua exposição.

QUADRO 3 – *Frame* Perfil_da_Mulher_que_Aborta

| <i>Frame</i> Perfil_da_Mulher_que_Aborta: | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|--|-------|----------------------------|--------------------|---|----------|-------------------------------|-------|----------------------------|---------------|------------------------------------|----------------------|--|--------------|-----------------------------------|
| Definição: Este <i>frame</i> contém características da mulher que aborta. Relações entre <i>frames</i> : <i>subframe</i> de Pessoa (FrameNet) | EFs e definições: <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="background-color: #cccccc;">Idade</td> <td>Idade da mulher que aborta</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #fff9c4;">Nível de instrução</td> <td>Nível de instrução da mulher que aborta</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #fce4ec;">Religião</td> <td>Religião da mulher que aborta</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #fff9c4;">Etnia</td> <td>Etnia da mulher que aborta</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #e1bee7;">Classe social</td> <td>Classe social da mulher que aborta</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #e8f5e9;">História reprodutiva</td> <td>Histórico reprodutivo da mulher que aborta</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #e91e63;">Estado civil</td> <td>Estado civil da mulher que aborta</td> </tr> </table> | Idade | Idade da mulher que aborta | Nível de instrução | Nível de instrução da mulher que aborta | Religião | Religião da mulher que aborta | Etnia | Etnia da mulher que aborta | Classe social | Classe social da mulher que aborta | História reprodutiva | Histórico reprodutivo da mulher que aborta | Estado civil | Estado civil da mulher que aborta |
| Idade | Idade da mulher que aborta | | | | | | | | | | | | | | |
| Nível de instrução | Nível de instrução da mulher que aborta | | | | | | | | | | | | | | |
| Religião | Religião da mulher que aborta | | | | | | | | | | | | | | |
| Etnia | Etnia da mulher que aborta | | | | | | | | | | | | | | |
| Classe social | Classe social da mulher que aborta | | | | | | | | | | | | | | |
| História reprodutiva | Histórico reprodutivo da mulher que aborta | | | | | | | | | | | | | | |
| Estado civil | Estado civil da mulher que aborta | | | | | | | | | | | | | | |
| Evocadores: ela, elas, mulheres, mulheres que abortam | | | | | | | | | | | | | | | |
| [A1_PS_1_HS_Med] Das que informaram ter realizado ao menos um procedimento ao longo da vida, 15% se declararam católicas ; 13% evangélicas , e 16% de outras religiões . | | | | | | | | | | | | | | | |
| [A2_PS_1_SV_Med] Quem são essas mulheres ? Elas tinham 27 anos, 50% pardas , quase 34% pretas, 57% completaram o ensino médio e 86% tinham renda familiar inferior a R\$1.500,00 . Situação típica das capitais nordestinas. | | | | | | | | | | | | | | | |
| [A2_PS_1_TG_Med] São especialmente as mulheres em condições menos favorecidas aquelas que se submetem aos riscos da prática do aborto realizado em condições precárias. | | | | | | | | | | | | | | | |
| [A3_PS_1_DD_Acad] Elas têm filhos , elas são jovens; elas têm entre 22 e 29 anos; elas têm religião , como aquelas que hoje aqui estão representadas para falar contra o aborto; elas têm um companheiro . | | | | | | | | | | | | | | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Além disso, os instanciadores dos EFs Nível de Instrução, Etnia e Classe Social mencionam um perfil menos favorecido de mulheres que abortam – trata-se das mulheres negras, pobres, com baixo nível de instrução formal e de baixa renda, que são as maiores vítimas do aborto clandestino. É por meio de tais Elementos de Frame que identificamos o entrelaçamento entre os instanciadores dos EFs do *frame* Perfil_da_Mulher_que_Aborta e o *frame* Desigualdade, que partiu do nó homônimo e de seus respectivos subnós, cuja anotação é exibida parcialmente no quadro a seguir. É possível perceber que tal *frame* é evocado mais uniformemente por todas as categorias socioprofissionais de participantes pró-SUG. Assim, médicos, políticos, ativistas, religiosos, acadêmicos e advogados desse grupo abordam as desigualdades entre mulheres negras/pobres e mulheres brancas/ricas que se concretizam em diferentes situações (EF Situação): na questão do abortamento em geral, no acesso a um aborto seguro (mesmo ilegal, clandestino), nos casos de morte materna e de penalização por crime de aborto, entre outros.

QUADRO 4 – *Frame* Desigualdade

| <i>Frame</i> Desigualdade: | |
|---|---|
| <p>Definição: Este <i>frame</i> designa uma comparação desigual entre dois agentes, de modo que um está em desvantagem em relação ao outro no que se refere a algum atributo</p> | <p>EFs e definições:</p> <p>Agente em desvantagem Agente em posição de desvantagem</p> <p>Agente em vantagem Entidade em posição de vantagem</p> <p>Situação Contexto no qual se estabelece a desigualdade</p> <p>Meio Meio pelo qual se estabelece a desigualdade</p> |
| <p>Evocadores: desigualdade, apartheid, desiguais, dominação, dominar</p> | |
| <p>Excertos do corpus:</p> <p>[A1_PS_1_AC_Med] não é uma escolha da civilização que mantém esse apartheid de direitos entre mulheres e homens, entre mulheres ricas e não ricas quando se trata da questão do aborto.</p> <p>[A1_PS_1_RT_Rel] Os dados têm mostrado que são as mulheres negras e pobres as que têm sofrido as consequências da criminalização do aborto, porque as mulheres que têm dinheiro vão para fora do País fazer a interrupção em um país onde é legalizado ou mesmo em clínicas onde elas podem pagar o preço estipulado</p> <p>funcionam dentro de padrões de higiene adequados, e elas abortam seguramente, enquanto [A2_PS_1_LM_Acad] Todos deveriam pensar nas mulheres pobres, negras, em Salvador, no Norte e no Nordeste, que têm que enfrentar condições de vida desiguais, menos acesso às políticas públicas, às condições de trabalho, à oportunidade educacional</p> | |

[A5_PS_1_MA_Med] Existe uma grande **desigualdade regional** e uma grande **desigualdade econômica**, porque praticamente não vemos mortes por aborto nos **hospitais privados** nem **nas regiões mais ricas do mundo**, e essas mortes por aborto nos **países pobres** também têm uma **desigualdade** dentro dos próprios países.

[A5_PS_2_GC_Ativ] porque esta Casa, infelizmente, ainda é uma casa marcada pela **ordem patriarcal...** tem praticamente só **homens**. **Ficamos** caladas aqui e ainda levamos lição de moral todo tempo.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como mostram os exemplos, os participantes pró-SUG não se atêm a abordar as desigualdades de raça e classe entre mulheres que abortam, mas também instanciam esse *frame* para tratar das relações assimétricas existentes entre homens e mulheres quando se trata da responsabilidade por evitar uma gravidez; bem como entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos – estes últimos, em virtude de desigualdades sociais, apresentam maior número de mortes decorrentes de abortamentos clandestinos (GUTTMACHER INSTITUTE, 2017). Além disso, com indica o último exemplo do Quadro 4, essa desigualdade de gênero também é abordada no que se refere a contextos específicos como o Senado – afinal, estava-se discutindo uma pauta que evidencia a necessidade de luta pelos direitos das mulheres em um ambiente elitista, historicamente dominado por homens brancos heterossexuais, sendo alguns deles autores de pautas retrógradas quanto aos direitos das mulheres (SANTOS, 2020). Tal aspecto aponta que as restrições desse contexto institucional podem limitar consideravelmente o alcance da voz dos defensores das mulheres e de seus direitos.

Algumas expressões que instanciam os EF Entidade em Desvantagem (*frame* Desigualdade) e evocam o *frame* Perfil_da_Mulher_que_Aborta também instanciam o EF Paciente do *frame* Danos, cuja descrição teve como ponto de partida o nó Riscos do Aborto, conforme exibimos no quadro a seguir. Nesse enquadramento, o aborto inseguro instancia o EF Causa – trata-se do causador dos danos à mulher que aborta na clandestinidade.

QUADRO 5 – *Frame* Danos

| Frame Danos: | |
|---|---|
| Definição: Um agente ou uma causa afetam um paciente de tal maneira que o paciente fica em um estado anômalo, geralmente não desejado. | EFs e definições: Causa Causa do dano ao paciente. Paciente Parte afetada pelo agente, sofrendo danos. |
| Evocadores: morrer, mutilação, hemorragia, infecções, perfuração uterina, hemorragia, infecção, choque séptico, perfuração de vísceras, traumatismos genitais, dor pélvica, infertilidade | |
| Excertos do <i>corpus</i>: [A2_PS_1_SV_Med] As taxas de complicação por aborto , ou seja, os motivos da complicação nessas mulheres são hemorragia e infecções . IN [aborto inseguro] [A3_PS_2_JW_Pol] E o aborto é quarta causa de mortalidade materna hoje no Brasil e a primeira entre mulheres pobres e negras . Ou seja, esse é um problema de saúde pública colocado aqui. IN [aborto inseguro] [A5_PS_1_MA_Med] São complicações de abortos mal feitos , de abortos inseguros , de abortos clandestinos, com métodos obsoletos , que não se utilizam mais; métodos perigosíssimos que deveriam ser proibidos [...]. Incluem, além de perfuração uterina, hemorragia, infecção, choque séptico, perfuração de vísceras, traumatismos genitais , e as mulheres podem sobreviver com sequelas [...]. | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os excertos que exibimos no Quadro 5 têm como instanciador do EF Causa, especificamente, o aborto inseguro ou clandestino. Conforme mencionamos na seção 3.3, por vezes um instanciador pode aparecer na posição de Instanciação Nula – ou seja, não é explicitado no texto, geralmente porque foi mencionado em uma parte anterior. Nesses casos, quando relevante, assinalamos com uma expressão entre colchetes o termo instanciado, conforme conseguimos recuperá-lo ao expandirmos as concordâncias do Sketch Engine.

É por meio do *frame* Danos que o abortamento como questão de saúde pública é evidenciado, considerando-se as sequelas do aborto clandestino e o índice de mortalidade materna ocasionado pela recorrência de procedimentos realizados nessas condições no País. Observamos que a maior parte dos excertos anotados é de autoria de participantes médicos(as), de modo que o léxico especializado, atinente à área da Saúde, também é preponderante nesse segmento dos dados.

Os pró-SUG são os únicos que abordam a morte de mulheres em virtude do abortamento clandestino, como é possível verificar no Sketch Difference de “mulher”, a seguir. Mais especificamente, esses

participantes se utilizam onze vezes da combinação “morte de mulheres”¹⁵ (vide terceiro item da coluna à esquerda). São também os únicos que tratam das “mortes evitáveis”¹⁶ de mulheres que recorrem ao abortamento clandestino (vide primeiro item da coluna à direita).

FIGURA 13 – Sketch Difference para a palavra *morte*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

O *frame* Danos, principalmente por ter como evocadores expressões como “mortes maternas”, entrelaça-se ao *frame* Assassinato (originado do nó homônimo) em alguns casos, os quais exploramos a seguir. Trata-se de excertos em que a ilegalidade do abortamento, em virtude dos danos causados, torna-se um instrumento de execução de mulheres. Os instanciadores do EF Assassino, responsável pelos casos de mortalidade materna, são lexicalizados duas vezes: na primeira, temos “você do pró-morte”, em que a participante se refere a todo o movimento antiescolha como responsável pelas mazelas do aborto clandestino. Na segunda ocorrência, “o Estado” é o grande executor da “pena de

¹⁵ Exemplo de concordância: “[...] o Estado brasileiro é responsável pelas mortes das mulheres em situação de risco, em abortamento inseguro”.

¹⁶ Exemplo de concordância: “[...] dentro da mortalidade materna, temos de pensar nas mortes evitáveis.”

morte” (evocador do *frame*) contra “mulheres pobres” – a partir desse instanciador, temos outro entrelaçamento com o *frame* Desigualdade.

QUADRO 6 – *Frame* Assassinato

| <i>Frame</i> Assassinato: | | | | | | | | | |
|---|---|-----------|---|-------------|---------------------------|--------|-------------------------------------|------|---|
| Definição: Um assassino ou causa ocasiona a morte da vítima. | EFs e definições: <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="background-color: #FFC0CB; padding: 2px;">Assassino</td> <td>Agente responsável pela morte da vítima</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #ADD8E6; padding: 2px;">Instrumento</td> <td>Usado para matar a vítima</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #ADD8E6; padding: 2px;">Vítima</td> <td>Morre como resultado do assassinato</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #FFDAB9; padding: 2px;">Meio</td> <td>Método ou ação que resulta na morte da vítima</td> </tr> </table> | Assassino | Agente responsável pela morte da vítima | Instrumento | Usado para matar a vítima | Vítima | Morre como resultado do assassinato | Meio | Método ou ação que resulta na morte da vítima |
| Assassino | Agente responsável pela morte da vítima | | | | | | | | |
| Instrumento | Usado para matar a vítima | | | | | | | | |
| Vítima | Morre como resultado do assassinato | | | | | | | | |
| Meio | Método ou ação que resulta na morte da vítima | | | | | | | | |
| Evocadores: eliminar, matar, interromper a vida, assassinado, roubar a vida, sacrificar | | | | | | | | | |
| Excertos do corpus: <p>[A1_PS_1_IT_Adv] os corpos que escolhemos deixar morrer, as mulheres que escolhemos deixar morrer em decorrência de procedimentos malsucedidos de abortamento.</p> <p>[A4_PS_1_MN_Rel] a ilegalidade do aborto como instrumento de morte. É essa morte mulheres brasileiras que eu não quero que continue a acontecer na escala em que acontece, entre outras razões, mas muito fortemente, pela ilegalidade do aborto em nosso País.</p> <p>[A5_PS_2_PV_Ativ] Nós queremos que vocês dos pró-morte, com seus dogmas religiosos e violadores do Estado laico, que promovem a tortura diária das mulheres, que promovem a morte das mulheres que promovem mais e mais abortos clandestinos e inseguros, sejam responsabilizados por isso.</p> <p>[A3_PS_1_MT_Acad] Fácil criminalizá-las, fácil matá-las, fácil para o Estado não se responsabilizar por essa pena de morte contra mulheres pobres.</p> | | | | | | | | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No *corpus*, também identificamos o *frame* Responsabilidade, cuja descrição partiu do nó homônimo, no qual o EF Parte Responsável tem a incumbência de cumprir determinado dever, ou é responsável por determinado acontecimento. A partir dessas conceptualizações, os participantes pró-SUG salientam a responsabilidade não só do Estado por “mais e mais abortos clandestinos e inseguros” e dos movimentos antiescolha pela morte de mulheres, mas também tratam da responsabilidade dos homens pela contracepção, pelo “controle da natalidade”, de modo que tal compromisso não deve ser atribuído somente às mulheres.

QUADRO 7 – *Frame* Responsabilidade

| Frame Responsabilidade | |
|--|--|
| <p>Definição: uma parte responsável é requerida a cumprir um dever. Origem: <i>frame</i> Being_Obligated (FrameNet)</p> | <p>EFs e definições: Parte responsável: Pessoa que deve cumprir um dever Responsabilidade: Dever a ser cumprido, ou evento/entidade pela qual a parte é responsável</p> |
| <p>Evocadores: assumir a responsabilidade, responsáveis, assumir as consequências, obrigação, responsabilização</p> | |
| <p>[A5_PS_1_LL_Adv] Esse é um dado importante quando nos damos conta da pouca responsabilização dos homens na vida reprodutiva. Cai somente nos ombros das mulheres, nos úteros das mulheres essa responsabilidade [A5_PS_2_PV_Ativ] Nós queremos que vocês dos pró-morte, com seus dogmas religiosos e violadores do Estado laico, que promovem a tortura diária das mulheres, que promovem a morte das mulheres, que promovem mais e mais abortos clandestinos e inseguros, sejam responsabilizados por isso. [A3_PS_1_MT_Acad] Fácil criminalizá-las, fácil matá-las, fácil para o Estado não se responsabilizar por essa pena de morte contra mulheres pobres.</p> | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

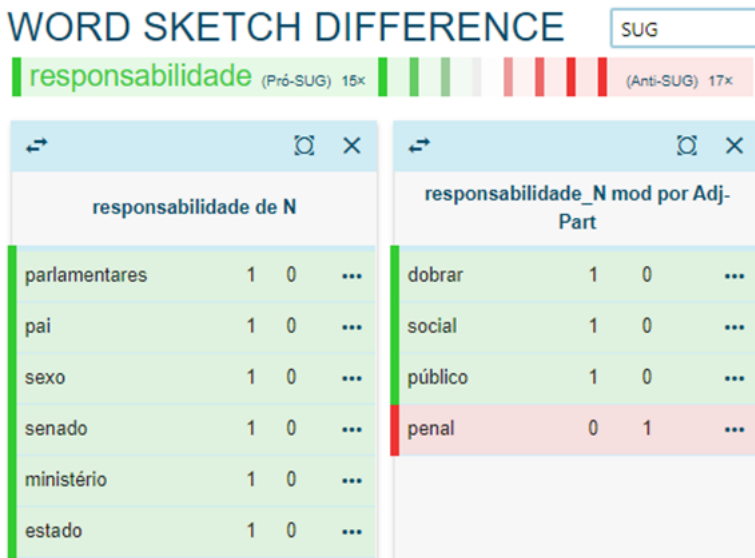
Buscando pelo termo “responsabilidade” no Sketch Difference, verificamos que somente os pró-SUG combinam esse termo com os itens “parlamentares”,¹⁷ “pai”, “senado”,¹⁸ “Ministério”¹⁹ e “Estado”, conforme exibimos na figura a seguir (coluna à esquerda). São também os únicos que falam em responsabilidade social e pública (vide coluna à direita). Já os anti-SUG tratam apenas de responsabilidade penal (em uma ocorrência, conforme coluna à direita).

¹⁷ Concordância: “Então, queria chamar a atenção e a responsabilidade dos nossos Parlamentares, das Casas Legislativas e das Lideranças políticas [...]”.

¹⁸ Concordância: “[...] coloca também a responsabilidade do Senado Federal em fazer este debate [...]”.

¹⁹ Concordância: “[...] atenção humanizada ao abortamento. É da responsabilidade do Ministério da Saúde fazer isso.”

FIGURA 14 – Sketch Difference para a palavra *responsabilidade*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

É a partir de tais enquadramentos – Aborto_Clandestino, Perfil_da_Mulher_que_Aborta, Desigualdade, Danos, Assassinato, Responsabilidade – que os participantes pró-SUG conceptualizam a criminalização do aborto como mecanismo ineficaz para reduzir o número de abortamentos clandestinos, conforme disposto no Quadro 8 – o *frame* Criminalização teve como origem parte do nó Direito. A maioria dos excertos é de autoria de advogados pró-SUG e enfatiza, por meio do Elemento de Frame Avaliação, o “descompasso” entre a Lei Penal brasileira e a “nossa realidade social”; o “anacronismo” do Código Penal, que “não resolve” o problema do número de abortos clandestinos e perigosos; a inconstitucionalidade e a crueldade da lei ao criminalizar mulheres, impedindo “o acesso ao aborto seguro”; e a seletividade da Lei Penal, que criminaliza mulheres “pobres, negras e socialmente excluídas”.

Salientamos ainda que somente os pró-SUG lexicalizam a *criminalização*, (o problema da) *ilegalidade*²⁰ e a necessidade de *descriminalização*²¹ do abortamento, conforme mostra a Figura 15 (exibida logo após o Quadro 8).

QUADRO 8 – *Frame Criminalização_do_Aborto*

| <i>Frame Criminalização_do_Aborto</i> | | |
|---|---|---|
| Definição: Ato de criminalizar um agente ou uma ação. | EFs e definições: Protagonista Ação Avaliação Base | Parte criminalizada Ato criminalizado Avaliação do processo de criminalização referido Base jurídica para a criminalização |
| Evocadores: criminalização, criminalizar, tratamento criminal, aplicação da lei penal | | |
| Excertos do corpus: | | |
| [A1_PS_1_IT_Adv] tratamento criminal que se dá à questão do aborto no Brasil, reflete certo anacronismo da nossa legislação, um descompasso existente entre a legislação penal que criminaliza a mulher que pratica o aborto e a nossa realidade social | | |
| [A1_PS_1_IT_Adv] tratamento criminal que se dá à questão do aborto no Brasil, reflete certo anacronismo da nossa legislação, um descompasso existente entre a legislação penal que criminaliza a mulher que pratica o aborto e a nossa realidade social | | |
| [A5_PS_1_MA_Med] A segunda razão é que o principal fator para impedir o acesso ao aborto seguro é a criminalização. | | |
| [A1_PS_1_IT_Adv] nós estamos afirmando que a perspectiva é de o Brasil querer criminalizar essas mulheres | | |
| [A5_PS_1_EA_Adv] Portanto, e aí o argumento tem uma reviravolta, criminalizar é inconstitucional. | | |
| [A3_PS_1_SC_Ativ] a aplicação da lei penal é seletiva, afetando de maneira mais drástica as mulheres pobres, negras e socialmente excluídas. | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

²⁰ Exemplo de concordância: “É essa morte das mulheres brasileiras que eu não quero que continue a acontecer na escala em que acontece, entre outras razões, mas muito fortemente, pela ilegalidade do aborto em nosso País.”

²¹ Exemplo de concordância: “[...] reúne todas as evidências que levaram a Federação Internacional dos Ginecologistas e Obstetras a defender a descriminalização do aborto como uma medida de saúde pública [...].”

FIGURA 15 – Sketch Difference para a combinatória “de(o) aborto”

The image shows a software interface for a Sketch Difference tool. At the top, there is a header bar with the text "aborto (Pró-SUG) 515x" and several vertical bars of different colors (green, grey, red). Below this is a search bar containing the text "...de aborto". A table lists various terms with their respective counts in two columns and a menu icon (three dots) in the third column.

| Term | Count 1 | Count 2 | Menu |
|-------------------|---------|---------|------|
| criminalização | 11 | 0 | ... |
| ilegalidade | 9 | 0 | ... |
| descriminalização | 8 | 0 | ... |
| tema | 8 | 0 | ... |
| prática | 11 | 6 | ... |
| questão | 15 | 8 | ... |
| legalização | 22 | 42 | ... |
| favor | 10 | 24 | ... |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Complementando esse aspecto, o *frame* Direito (segundo mais evocado do *corpus*), que partiu do nó homônimo, é agenciado pelos grupos pró-SUG para defender as reivindicações das mulheres, tais como direitos “sociais e reprodutivos”, incluindo os direitos fundamentais citados na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988): direito à vida, à saúde, à autonomia, entre outros. Em suma, a mulher instancia, predominantemente em falas de advogados pró-SUG, o Elemento de Frame Protagonista, a quem devem ser garantidos direitos humanos.

QUADRO 9 – *Frame* Direito

| Frame Direito: | | | | | | | | | |
|---|--|---------------------|-----------------------------|----------------|--|-------------|--|-----------------|---|
| Definição: Um protagonista é revestido do direito de exercer algum poder concedido pela Lei. | EFs e definições: <table border="0"> <tr> <td style="background-color: #e0f0ff;">Protagonista</td> <td>Agente revestido do direito</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #ffffe0;">Direito</td> <td>Direito de ter ou fazer algo de acordo com a Lei</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #e0ffe0;">Base</td> <td>Base jurídica para o direito concedido</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #e0e0e0;">Dimensão</td> <td>Extensão ou limite do direito concedido</td> </tr> </table> | Protagonista | Agente revestido do direito | Direito | Direito de ter ou fazer algo de acordo com a Lei | Base | Base jurídica para o direito concedido | Dimensão | Extensão ou limite do direito concedido |
| Protagonista | Agente revestido do direito | | | | | | | | |
| Direito | Direito de ter ou fazer algo de acordo com a Lei | | | | | | | | |
| Base | Base jurídica para o direito concedido | | | | | | | | |
| Dimensão | Extensão ou limite do direito concedido | | | | | | | | |
| Evocadores: direito, proteção jurídica, garantir direito, exercício, exercer | | | | | | | | | |
| Excertos do corpus: <p>[A5_PS_1_EA_Adv] E o Tribunal faz uma afirmação enfática, que é muito relevante para esta Comissão: a inviolabilidade do direito à vida, que está escrito no art. 5º da nossa Constituição Federal, se refere exclusivamente a um ser já personalizado.</p> <p>[A5_PS_1_EA_Adv] E se estou falando que o aborto é um direito, um direito com base na dignidade humana, com base na autonomia, com base na liberdade, significa que alguém tem a obrigação de garantir esse direito.</p> <p>[A5_PS_1_LL_Adv] mesmo que haja um conflito de direitos entre os direitos da mulher e os direitos do embrião, esse conflito tem que ser decidido levando em consideração que a mulher já é uma vida plena, que a mulher já é o sujeito de direito e que o embrião no máximo tem uma expectativa de direitos.</p> <p>[A3_PS_1_SC_Ativ] A perspectiva feminista, que é a minha, que reivindica o direito de decisão reprodutiva às mulheres, repudia, de maneira forte, as leis e políticas de aborto compulsório</p> | | | | | | | | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A Sketch Difference da palavra *direito* mostra-nos que direito de *escolha*, de *opção*; bem como os direitos *iguais*, *sociais* e *sexuais* são unicamente lexicalizados por grupos pró-SUG, que situam, assim, o debate da Sugestão para além da questão de saúde pública – corroborando o que já havíamos verificado ao elencarmos os nós do *corpus* na etapa correspondente à seção 4.2.

FIGURA 16 – Sketch Difference para a palavra *direito*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nesse sentido, o instanciador “autonomia”, do EF Direito, é também evocador do *frame* homônimo – decorrente do nó também denominado Autonomia –, que exibimos a seguir, evocado predominantemente por médicos e advogados pró-SUG.

QUADRO 10 – *Frame* Autonomia

| Frame Autonomia | | |
|--|---|---|
| Definição: estado ou condição de um ser autônomo para se autogovernar. | EFs e definições: Protagonista Avaliação Extensão | Pessoa que tem direito a autonomia Avaliação da autonomia Extensão da autonomia |
| Evocadores: autonomia, autônomo, autodeterminação | | |
| [A1_PS_1_HS_Med] deixamos muito bem claro e frisamos que não se decidiu serem os Conselhos de Medicina favoráveis ao aborto, mas, sim, discutimos a autonomia da mulher e do médico , o que é nossa obrigação . [A2_PS_1_JB_Ativ] o interesse das mulheres que tomam decisões autônomas , concentradas no seu cotidiano, na sua vida e na sua livre consciência . [A5_PS_1_EA_Adv] que permitam que essa escolha seja feita com segurança e com preservação da autonomia da mulher . [A5_PS_1_LL_Adv] nossa proposta é uma política de respeitar a autonomia reprodutiva das mulheres , a autodeterminação das mulheres | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Destacamos que os pró-SUG são os que mais se utilizam da colocação “autonomia da mulher” (16 vezes); e os únicos a mencionar o conceito de autonomia reprodutiva, conforme é possível verificar na Figura 17.

FIGURA 17 – Sketch Difference para a palavra *autonomia*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Mais especificamente, identificamos também o *frame* Escolha, originado do subnó homônimo e subordinado ao *frame* Autonomia, que tem como foco as alternativas disponíveis ao sujeito que escolhe, bem como a escolha realizada e suas circunstâncias. Tal enquadramento é exibido no quadro 11.

QUADRO 11 – *Frame Escolha*

| <i>Frame Escolha</i> | | |
|--|---|--|
| Definição: um cognoscente faz uma escolha dentre uma série de possibilidades. | EFs e definições: Agente Escolha Alternativa Circunstância | Pessoa que faz a escolha Escolha realizada Alternativas disponíveis para escolha Circunstância em que a escolha é realizada |
| Evocadores: escolha, escolher, decidir, optar, desistir, pseudoescolha, não querer | | |
| [A5_PS_2_GC_Ativ] legitimamente, exercemos a nossa autonomia de decisão sobre quando e se queremos parir. | | |
| [A5_PS_2_GC_Ativ] Nós somos solidárias com as mulheres na hora em que elas decidem pela maternidade e não têm o apoio do Estado. | | |
| [A1_PS_1_RT_Rel] Então, se a mulher decidir por uma interrupção da gravidez, é ela e sua consciência. | | |
| [A4_PS_2_PV_Ativ] Nós queremos que as mulheres possam escolher . Apoiamos a Regiane ou quem for que queira escolher manter sua maternidade, seguir com sua maternidade, com qualidade de vida. | | |
| [A5_PS_1_EA_Adv] “A gravidez não deve ser forçada, deve ser escolha ” | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observamos que somente os pró-SUG se valem das colocações “liberdade de escolha”,²² “exercício de escolha”,²³ “questão de escolha”²⁴ e “direito de escolha”,²⁵ conforme exhibe a Sketch Difference na figura 18.

²² Concordância: “[...] o exercício da sua liberdade de escolha.”

²³ Concordância: “[...] que você tenha essa possibilidade do exercício da escolha de ter ou não ter filhos.”

²⁴ Concordância: “Então, a questão da escolha difícil, pois ninguém é a favor do aborto.”

²⁵ “[...] a necessidade de se garantir autonomia, direito de escolha às mulheres [...]”

FIGURA 18 – Sketch Difference para a palavra *escolha*

Fonte: Elaborada pelas autoras.

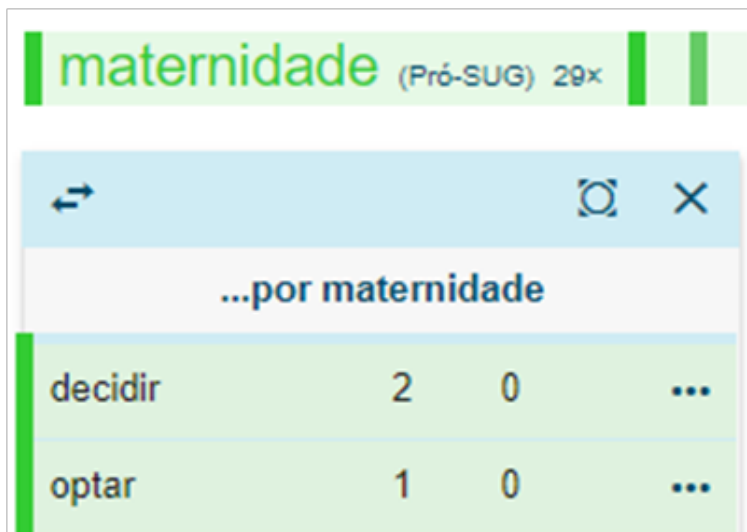
A maternidade como escolha, que instancia o EF Alternativa no Quadro 11, é uma característica do modelo de maternidade não hegemônica, que pressupõe igualdade entre homens e mulheres nas relações de trabalho, bem como partilha da responsabilidade parental (BELTRAME, 2016). O termo também consiste em um nó e em um dos *frames* identificados no *corpus*, conforme descrevemos no Quadro 12. Ao encontro disso, observamos que as combinatórias entre os verbos *decidir/optar* e *maternidade* só ocorrem nesse *subcorpus* em específico, como mostra a Figura 19.

QUADRO 12 – *Frame* Maternidade_não_Hegemônica

| <i>Frame</i> Maternidade_não_Hegemônica | | |
|--|--|---|
| <p>Definição: condição vista como uma opção à mulher, que pressupõe igualdade entre homens e mulheres nas relações de trabalho, bem como partilha da responsabilidade parental.</p> | <p>EFs e definições: Mulher Características</p> | <p>Mulher que tem a opção de ser mãe Características da maternidade não hegemônica</p> |
| <p>Evocadores: maternidade, gravidez</p> | | |
| <p>[A2_PS_2_CB_Ativ] A maternidade deve ser uma decisão livre e desejada, não uma obrigação das mulheres.</p> <p>[A4_PS_1_MN_Rel] No entanto, para que a maternidade seja considerada em sua grandeza, é absolutamente necessário que compreendamos como resultado de uma decisão, de uma escolha, como uma opção entre tantas outras de realização das mulheres.</p> <p>[A4_PS_1_MN_Rel] Só compreendendo, portanto, a maternidade como resultado de opção e de escolha é possível entender o alcance ético de uma proposta que permite às mulheres acederem a um aborto quando assim considerarem necessário.</p> | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

FIGURA 19 – Sketch Difference parcial para a palavra *maternidade*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tanto os *frames* Autonomia e Escolha quanto o *frame* Maternidade_não_Hegemônica opõem-se ao *frame* Coação, originado principalmente do nó Manipulação, que é evocado pelos pró-SUG justamente para condenar quaisquer ações que coajam a mulher – levando-a a seguir com uma gestação forçada; ou mesmo obrigando-a a abortar. Nesse caso, os principais instanciadores do EF Coagente (responsável pela coação) são leis e medidas estatais, bem como familiares.

QUADRO 13 – *Frame* Coação

| Frame Coação: | | |
|--|--|---|
| Definição: Ato de coagir um agente, impondo que ela aja contra sua vontade | EFs e definições: Coagente Coagido Resultado | Responsável pela coação Ser coagido Resultado da coação |
| Evocadores: coagir, coação, forçado, obrigar, pressionar | | |
| [A3_PS_1_SC_Activ] A perspectiva feminista, que é a minha, que reivindica o direito de decisão reprodutiva às mulheres, repudia, de maneira forte, as leis e políticas de aborto compulsório, assim como também medidas estatais que coagem as mulheres à procriação compulsória | | |
| [A5_PS_1_LL_Adv] Nenhuma mulher deve ser obrigada a fazer um aborto, nenhuma mulher pode ser coagida a fazer um aborto, como nenhuma mulher deve ser obrigada e coagida a não interromper a gestação | | |
| [A2_PS_1_LM_Acad] Nesse sentido, a coação para as mulheres não pode vir do seu namorado, não pode vir da sua família e não pode vir do Estado. | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como abordam os participantes defensores da SUG, para que a mulher exerça plenamente seus direitos de cidadã, é preciso que haja políticas de Planejamento Reprodutivo (Quadro 14), que incluem acesso à Contracepção de Emergência (Quadro 15), enquadramento originado do nó Pílula do Dia Seguinte. Esse método contraceptivo é considerado fundamental para reduzir a gravidez indesejada e evitar o abortamento inseguro – incluindo casos de estupro, nos quais as mulheres brasileiras têm direito à atenção humanizada, que abrange a prescrição de contracepção de emergência (BRASIL, 2011).

QUADRO 14 – *Frame* Planejamento_Reprodutivo

| Frame Planejamento_Reprodutivo | | |
|---|--|--|
| Definição: política pública de saúde que desenvolve ações que possam propiciar o planejamento reprodutivo da população | EFs e definições: Cidadão Ação Circunstância | Pessoa que deve ter acesso ao planejamento reprodutivo Ações realizadas por políticas de planejamento reprodutivo Circunstâncias em que ocorrem as ações de planejamento reprodutivo |
| Evocadores: planejamento reprodutivo, planejamento familiar | | |
| [A1_PS_1_AC_Med] todos os métodos contraceptivos devem estar disponíveis para todas as mulheres, em todas as idades [A1_PS_1_RT_Rel] Então, o planejamento reprodutivo deve estar à disposição da população. Todos os métodos que a ciência conseguiu até hoje elaborar devem estar disponíveis à população. [A5_PS_1_LL_Adv] nós temos direitos ao planejamento familiar sem coação e com o dever do Estado de fornecer os métodos e os meios necessários para o exercício desse direito. | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

QUADRO 15 – *Frame* Contracepção_de_Emergência

| Frame Contracepção_de_Emergência: | | |
|---|---|--|
| Definição: trata da pílula do dia seguinte e de perspectivas sobre seus efeitos | EFs e definições: Contraceptivo Usuária Características | Pílula do dia seguinte Usuária da pílula do dia seguinte Atributos da pílula do dia seguinte |
| Evocadores: pílula do dia seguinte, anticoncepção de emergência | | |
| Excertos do corpus: [A1_PS_1_MS_Acad] e, muitas vezes, nem a pílula do dia seguinte, que poderia evitar um conjunto de danos e decisões conflituosas às mulheres, como a situação de aborto, mesmo essa medida mínima a gente nem sempre consegue. [A1_PS_1_MV_Med] Nós temos que ampliar a atenção integral às mulheres em situação de violência sexual, [...] através da pílula de emergência, que é um grande dispositivo para reduzir a gravidez indesejada e o aborto inseguro. | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Esta seção objetivou analisar os *frames* instanciados no *corpus* da *SUG* que vão ao encontro da intenção legislativa da *Sugestão*, cuja proposta parte principalmente da conceptualização do abortamento como questão de saúde pública. De modo geral, os resultados evidenciam

que, embora a iniciativa da Sugestão tenha partido da conceptualização do abortamento como questão de saúde pública, os participantes que a defendem não se atêm a esse aspecto ao agenciarem *frames* segundo seus propósitos comunicativos (TOMASELLO, 2003). Além disso, há *frames* que são evocados exclusivamente pelos pró-SUG, quais sejam: Aborto_Clandestino, Perfil_da_Mulher_que_Aborta, Criminalização_do_Aborto, Planejamento_Reprodutivo e Maternidade_não_Hegemônica. Vale ainda pontuar que, ao evocarem o *frame* Desigualdade, os participantes pró-SUG salientam não apenas as disparidades de raça, cor e escolaridade que determinam o tipo de serviço de aborto acessado pela mulher, mas também enfatizam questões como a desigualdade de gênero, a qual se reflete inclusive na configuração de espaços supostamente democráticos como o Senado.

Nesse sentido, ao tratarem dos diferentes tipos de Desigualdade que permeiam a questão do Aborto_Clandestino; das inúmeras características que incluem, no Perfil_da_Mulher_que_Aborta, a mulher casada, religiosa e com filhos (DÍNIZ; MEDEIROS; MADEIRO, 2017); dos Danos causados por esse procedimento inseguro; do Assassinato de mulheres que abortam (geralmente negras e pobres); da Responsabilidade do Estado para com as mulheres e dos homens para com a corresponsabilidade diante de uma gravidez indesejada; dos efeitos perversos da Criminalização_do_Aborto, que ocasionam o Assassinato de mulheres abortando na clandestinidade; da gama de Direitos nem sempre garantidos às mulheres, dada essa criminalização – incluindo o direito ao Planejamento_Reprodutivo, à Autonomia e o consequente direito de Escolha por abortar ou levar a cabo uma gestação –; e da luta por uma noção de Maternidade_não_Hegemônica, que respeite a mulher como sujeito pleno de direitos e que iniba qualquer tipo de Coação, os participantes pró-SUG fazem mais que um clamor à visibilização da cruel realidade do abortamento clandestino: realizam uma exposição fundamentada e uma reivindicação concreta para que mulheres não sejam mais punidas pela criminalização seletiva do abortamento.

A seção a seguir traz algumas considerações acerca do percurso de análise aqui realizado.

5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo principal discutir alguns desdobramentos analíticos de um estudo que investigou *frames* semânticos em audiências públicas da Sugestão Legislativa n.º 15/2014. Por meio de um recorte voltado à identificação de *frames* no discurso dos defensores da proposta da SUG n.º 15, buscamos elucidar as possibilidades analíticas viabilizadas pela integração de uma ferramenta de análise qualitativa de dados – o NVivo – ao recurso Sketch Engine. A opção por tal articulação foi realizada tendo em vista a necessidade de segmentação do *corpus* em unidades temáticas para posterior processamento dos dados no concordanciador e no *Sketch Difference*.

Ponderamos que esta proposta possa ser considerada uma abordagem *middle-out* de exploração dos dados (CHISHMAN *et al.*, 2018), ou seja, busca-se o “caminho do meio” entre análises *bottom-up* (que têm como único ponto de partida léxico) e as *top-down* (que se valem de aspectos macrocontextuais como base inicial para a análise). Assim, a partir de uma segmentação em *subcorpora* de temas possibilitada pelo recurso NVivo (direcionamento metodológico *top-down*), realizamos uma descrição preliminar dos *frames* semânticos, a qual foi revista e consolidada por meio do processamento de listas de palavras-chave na ferramenta Sketch Engine (direcionamento *bottom-up*), da análise de concordâncias e da anotação semântica de excertos que evocavam os respectivos *frames*. Nesse percurso, utilizamo-nos também do recurso Sketch Difference, que permite a comparação entre usos linguísticos nos *subcorpora* selecionados, para observar a ocorrência de combinatórias lexicais peculiares ao *corpus* pró-SUG.

Na seção dedicada à análise dos dados, descrevemos *frames* instanciados no *corpus* que vão ao encontro da intenção legislativa da Sugestão, verificando que os participantes pró-SUG não se ativeram ao tema do abortamento como questão de saúde pública – via *frames* como Aborto_Clandestino, Desigualdade, Perfil_da_Mulher_que_Aborta, Assassinato e Criminalização_do_Aborto. O abortamento também foi conceptualizado como questão de autonomia da mulher, por meio da evocação do *frame* homônimo, do *subframe* Escolha e do enquadramento Maternidade_não_Hegemônica. Tais evidências refletem a conceptualização do abortamento não apenas como questão de saúde pública – aspecto que motivou a pauta da SUG –, mas também de justiça

social, especificamente de justiça reprodutiva (SILLIMAN *et al.*, 2016). Nesse sentido, ao se abordarem questões permeadas por desigualdade social e racial, como é o caso da pauta da SUG n.º 14, vislumbra-se a defesa de uma noção de escolha centrada em diferenças concretas entre mulheres, considerando-as como sujeitos-cidadãos atrelados a coletividades e historicidades distintas.

Conforme discutimos ao longo do artigo, essa abordagem permitiu um tratamento dos dados previamente ao *upload* do *corpus* no Sketch Engine, o que resultou, por sua vez, em *subcorpora* temáticos processáveis por essa ferramenta. Diante disso, pontuamos o ineditismo da proposta, que não apenas utilizou o NVivo como recurso de identificação de unidades temáticas – o uso mais prototípico da ferramenta em estudos que partem de fontes textuais –, mas o integrou ao processo de compilação de *corpus*, com vistas a uma análise cognitivo-discursiva dos dados.²⁶ Dessa forma, a proposta de uso do NVivo constituiu, ao mesmo tempo, uma primeira etapa de análise de *frames* e um processo de (re)compilação do *corpus* para fins de exploração dos evocadores no Sketch Engine. Além disso, observamos que, embora a relevância do SE em pesquisas semântico-cognitivas tenha sido extensamente corroborada (CHISHMAN *et al.*, 2014, 2015, 2018), é a primeira vez que utilizamos um recurso novo da ferramenta, o Sketch Difference, para comparar o uso de algumas combinatórias lexicais entre os *subcorpora*, atrelando tais evidências à descrição de *frames*. Diante disso, salientamos que a pertinência dos procedimentos aqui discutidos para outras análises cognitivo-discursivas, ou para outros tipos de *corpora*, ainda necessita ser verificada.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que concedeu à primeira autora uma bolsa de doutorado CAPES/PROSUC (Código de Financiamento 001); e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), que financiou a aquisição de uma licença de uso do *software* NVivo.

²⁶ Para conferir as aproximações e os distanciamentos entre nossa proposta metodológica e estudos anteriores, sugerimos a leitura de Santos (2020).

Declaração de contribuição de cada autora

Este artigo é um desdobramento da tese de doutorado desenvolvida pela primeira autora e orientada pela segunda autora. O referencial teórico foi escrito por Aline Nardes dos Santos e modificado após sugestões de Rove Chishman. No desenho metodológico, o ponto de partida foi a proposta *middle-out* que Chishman tem adotado em suas pesquisas. Conjuntamente, as autoras aplicaram esse aporte à metodologia do estudo. No percurso analítico, o ponto de partida foram os dados da tese de Santos, os quais foram revisitados na proposta deste artigo. Por fim, as demais seções foram planejadas e revisadas colaborativamente, assim como a redação final do texto.

Referências

BELTRAME, P. B. *Aborto: a controvérsia das feminilidades*. 2016. 106f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Natal, 2016.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200005>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

BOOTH, K. J. The Meaning of the Social Body: Bringing George Herbert Mead to Mark Johnson's Theory of Embodied Mind. *William James Studies*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-18, 2016. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26203794?seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 17 fev. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988, Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Atenção Humanizada ao Abortamento: Norma Técnica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Senado Federal. Sugestão nº 15, de 2014. Atividade Legislativa. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/119431>. Acesso em: 1 mar. 2020.

BYBEE, J. Usage-Based Models in Linguistics: an Interview with Joan Bybee. Entrevista concedida a Tiago Timponi Torrent. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-6, 2012.

CHISHMAN, R. *et al.* Field – Dicionário de Expressões do Futebol: um recurso lexicográfico baseado no aporte teórico-metodológico da Semântica de Frames e da Linguística de Corpus. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 67, p. 25-35, 2014. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v39i67.5128>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/5128>. Acesso em: 22 out. 2020.

CHISHMAN, R. *et al.* The Relevance of the Sketch Engine Software to Build Field – Football Expressions Dictionary. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 769-796, 2015. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.23.3.769-796>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8918>. Acesso em: 21 out. 2020.

CHISHMAN, R. *et al.* Dicionário Olímpico: a Semântica de Frames encontra a lexicografia eletrônica. In: FINATTO, M. J. B.; REBECHI, R. R.; SARMENTO, S.; BOCORNY, A. E. P. (org.). *Linguística de Corpus: perspectivas*. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2018. p. 265-298.

CHISHMAN, R. *et al.* Challenges and Difficulties in the Development of Dicionário Olímpico (2016). In: ELEX CONFERENCE, 2019, Sintra. *Proceedings [...]*. Sintra: Lexical Computing CZ s.r.o., Brno, Czech Republic, 2019. p. 622-641.

DINIZ, D.; MEDEIROS, M.; MADEIRO, A. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 653-660, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017222.23812016>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S14138123201700200653&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 8 fev. 2020.

DINIZ, D.; MEDEIROS, M. Aborto no Brasil: uma pesquisa domiciliar com técnica de urna. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 959-966, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/002.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2020.

DUQUE, P. H. Discurso e Cognição: uma abordagem baseada em frames. *Revista da ANPOLL*, Florianópolis, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i39.902> Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902/829>. Acesso em: 10 set. 2020.

ELIAS, M. L. G. G. R. Conservadorismo, feminismo e o judiciário como arena em disputa: debate sobre aborto. In: ENCONTRO DA ABCP, 11., 2018, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: ABCP, 2018. p. 1-26.

FILLMORE, C. J. An Alternative to Checklist Theories of Meaning. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 1., Berkeley. *Proceedings [...]*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-131. DOI: <https://doi.org/10.3765/bls.v1i0.2315>

FILLMORE, C. J. Frame Semantics and the Nature of Language. In: CONFERENCE ON THE ORIGIN AND DEVELOPMENT OF LANGUAGE AND SPEECH, 1976, New York. *Proceedings [...]* New York: New York Academy of Sciences, 1976. p. 20-32. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1976.tb25467.x>

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTICS SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hansinh Publishing, 1982. p. 111-137.

FILLMORE, C. J. Frames and the Semantics of Understanding. *Quaderni di Semantica*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.

FILLMORE, C. J.; BAKER, C. A Frames Approach to Semantic Analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010. p. 313-339.

FONTES, M. R. *Frames e valores: um estudo sobre a normatividade no espaço escolar*. 2012. 157f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppglinguistica/files/2009/12/FONTES-Mariana-Rocha-2012-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GEERAERTS, D.; KRISTIANSSEN, G.; PEIRSMAN, Y. Introduction. *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. In: _____. (ed.). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2010. p. 1-22. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110226461>

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIZZO, B. S.; KRZIMINSKI, C. O.; OLIVEIRA, D. L. L. C. O Software QSR NVIVO 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 53-60, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4437>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GUTTMACHER INSTITUTE. *Abortion in Latin America and the Caribbean*. New York: Guttmacher Institute, 2017. Disponível em: https://www.guttmacher.org/sites/default/files/factsheet/ib_aww-latin-america.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

HANKS, W. F. O que é contexto. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. R. (org.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 169-203.

KOCH, I. V.; MORATO, E.; BENTES, A. C. Ainda o contexto: algumas considerações sobre as relações entre contexto, cognição e práticas sociais na obra de Teun van Dijk. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, Brasília, v. 11, p. 79-92, 2011. DOI: <https://doi.org/10.35956/v.11.n1.2011.p.79-91>. Disponível em: <http://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/93>. Acesso em: 20 set. 2020.

KOESTER, A. Building Small Specialised Corpora. In: MCCARTHY, M.; O'KEEFE, A. (ed.). *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. London; New York: Routledge, 2010. p. 66-79. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203856949-6>

LAGE, M. C. Utilização do *software* NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 12, p. 198-226, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v12i0.1210>. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1210/pdf_57. Acesso em: 14 mai. 2020.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>

LANGLOTZ, A. *Creating Social Orientation Through Language*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1075/celcr.17>.

LIMA, F. R. O.; MIRANDA, N. S. O frame semântico como uma ferramenta analítica de compreensão de experiências sociais educacionais. *Revista Gatilho*, Juiz de Fora, v. 8, p. 1-14, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2013/05/O-frame-sem%C3%A2ntico-como-ferramenta-anal%C3%ADtica.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

MIRANDA, N. S. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 81-95, 1999. Disponível em: <https://veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/500>. Acesso em: 03 mar. 2020.

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 57-81, 2001. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo49.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

MIRANDA, N. S.; BERNARDO, F. C. Frames, discurso e valores. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 81-97, 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636596>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636596>. Acesso em: 16 mar. 2020.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 93-113, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo4.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SALOMÃO, M. M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n.1, p. 23-39, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/2tZRwlH>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SALOMÃO, M. M. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: FÓRUM DE LINGUAGEM, 2., Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. p. 1-13.

SALOMÃO, M. M. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. (org.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 20-32.

SANTOS, A. N. *A Sugestão Legislativa nº 15/2014: entrelaçamentos e reenquadramentos de frames semânticos no debate sobre os direitos reprodutivos das mulheres no Brasil*. 2020. 291f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9111>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SANTOS, A. N.; CHISHMAN, R. L. O. Frames de compreensão e corpora: estudo de caso com uso do Sketch Engine. In: FINATTO, M. J. B.; REBECHI, R. R.; SARMENTO, S.; BOCORNY, A. E. P. (org.). *Linguística de Corpus: perspectivas*. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2018. p. 183-206.

SILLIMAN, J. *et al. Undivided Rights: Women of Color Organizing for Reproductive Justice*. Chicago: Haymarket Books, 2016.

SILVA, A. S. Discurso na mente e na comunidade. Para a sinergia entre a Linguística Cognitiva e a Análise (Crítica) do Discurso. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 9, n. 1, p. 53-78, 2015.

SIMAN, J. H. *Frames de doença de Alzheimer*. 2015. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, 2015. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270612/1/Siman_JosieHelen_M.pdf. Acesso em: 16 mar. 2020.

SIQUEIRA, A. C. T. *A Semântica de Frames na análise do discurso discente: traçando o perfil do professor de português*. 2013. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/900/1/amandacristinatestasiqueira.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

TANNEN, D. What's in a Frame? Surface Evidence for Underlying Expectations. In: FREEDLE, R. (ed.). *New Directions in Discourse Processing*. Norwood: Ablex, 1979. p. 137-181.

TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, M. *Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M. *Origins of Human Communication*. Cambridge; London: The MIT Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/7551.001.0001>

VEREZA, S. Mal comparando...: os efeitos argumentativos da metáfora e da analogia numa perspectiva cognitivo-discursiva. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 18-35, 2016a. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n40p18>. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/13964>. Acesso em: 9 mar. 2020.

VEREZA, S. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da Linguística Cognitiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 561-573, 2016b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-160303-0416d15>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v16n3/1518-7632-ld-16-03-00561.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2020.